

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 121 - nº 2.091 - JUNHO 2003 - R\$ 4,00

Direitos Humanos

O direito de viver é o primeiro
de todos os direitos naturais

Nesta Edição:

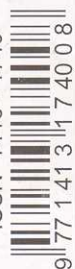
Tempo, mente e ação
Vamos aderir?

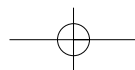
Das dificuldades do Espiritismo prático



LANÇAMENTOS | ARTIGOS | EVENTOS | MENSAGENS

ISSN 1413 - 1749





Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 121 / Junho, 2003 / Nº 2.091



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home Page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	US\$ 45,00
Aérea	

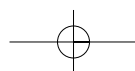
Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretário – Iaponan Albuquerque da Silva; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

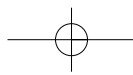
Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Rebouças & Associados

Tema da Capa: O tema deste mês enfatiza os Direitos humanos, focalizados em artigo com esse título e na questão 880 de O Livro dos Espíritos.

EDITORIAL	4
Direito e Dever	
ENTREVISTA: JONAS DA COSTA BARBOSA	17
Movimento Espírita e Unificação	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Caindo em si – <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	31
<i>A Gênese</i> , de Allan Kardec, em Esperanto – <i>Afonso Soares</i>	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	32
O Grande Educandário – <i>Emmanuel</i>	
FEB/CFN – COMISSÕES REGIONAIS	33
Reunião da Comissão Regional Nordeste	
PÁGINAS DA REVUE SPIRITE	37
Fraudes espíritas – <i>Allan Kardec</i>	
Aforismos espíritas e pensamentos avulsos – <i>Allan Kardec</i>	38
SEARA ESPÍRITA	42
Direitos humanos – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Direito de viver	7
Tempo, mente e ação – <i>Carlos Torres Pastorino</i>	8
O sentimento religioso – <i>Rogério Coelho</i>	10
Chico Xavier – Um ano no Mundo Espiritual	11
O 13º discípulo – <i>Passos Lírio</i>	12
Inauguração do Mausoléu de Chico Xavier – <i>Yeda Hungria</i>	15
Vamos aderir? – <i>Richard Simonetti</i>	19
Alcoólatras – <i>Honório Armond</i>	20
Das dificuldades do Espiritismo prático – <i>Orson Peter Carrara</i>	22
Bom ânimo – <i>Antônio Rubatino</i>	24
Temos Jesus – <i>Abel Gomes</i>	25
“Sessões Espíritas na Casa Branca” – <i>Inaldo Lacerda Lima</i>	26
Hernani Guimarães Andrade – (Desencarnação)	27
Corpo e Alma – <i>Washington Borges de Souza</i>	28
A que viemos? – <i>Jaqueline S. L. Fonseca</i>	29
Culto doméstico – <i>Casemiro Cunha</i>	30
O homem e a religião (I-II) – <i>Eurípedes Köhl</i>	35
II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE – III – <i>José Carlos da Silva Silveira</i>	39
Se vires tu alguém... – <i>Hernani T. Sant’Anna</i>	40
Federação Espírita Brasileira – Administração	41





Editorial

Direito e Dever

A Doutrina Espírita nos revela, com maior amplitude, as Leis Morais que regem a existência do homem, e que emanam do Criador. Aprofundando-se a análise dessas Leis, evidencia-se o equilíbrio que rege a Natureza, onde encontramos a presença de direitos e de deveres que se apresentam sempre juntos.

Assim, o direito de viver – o primeiro de todos – vem sempre acompanhado do dever de preservar a vida.

O direito de ser amado apresenta-se sempre junto com o dever de amar.

O direito de ser atendido nas necessidades básicas não se desassocia do dever de atender ao próximo em suas carências.

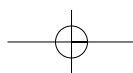
O direito à liberdade de ação – alvo de tantas lutas humanas – vem sempre associado ao dever de assumir a responsabilidade que dela provém.

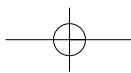
Francisco Cândido Xavier, cujo retorno à Pátria Espiritual completa um ano neste mês, instado a manifestar-se a respeito do que é certo no comportamento que nos cabe adotar diante da vida, afirmou com inspirada sabedoria assentada nos ensinamentos do Evangelho: “O certo é sempre o dever retamente cumprido.”

Sem dúvida, a Providência Divina prodigaliza ao homem inúmeras oportunidades de ação, na qual se encontram, perfeitamente integradas, a manifestação de direitos e de deveres.

Como nos lembrou e exemplificou em sua existência o venerável médium e apóstolo do Espiritismo cristão, e diante do princípio de solidariedade – implícito em todos os ensinamentos da Boa Nova –, hoje sabemos, junto à nossa própria consciência, que usufruiremos os direitos que as Leis Divinas nos disponibilizam, na mesma proporção em que cumprirmos os nossos deveres para com Deus, o próximo e tudo o que nos cerca.

Em síntese: todo direito decorre do dever bem cumprido.





Direitos humanos

Juvanir Borges de Souza

O homem, Espírito Eterno, é sujeito de direitos, deveres e obrigações, tanto perante as leis divinas, ou naturais, quanto diante das leis humanas.

No que concerne às leis divinas, imutáveis e justas, incidentes sobre todas as criaturas do Universo e não somente sobre os habitantes do Orbe Terrestre, pouco a pouco o homem vai tomando conhecimento delas, compreendendo-as na medida da própria evolução.

As religiões, as ciências, as experiências vividas, a intuição, as revelações são meios e formas encontradas e utilizadas pelo ser humano para ajustar-se às leis divinas.

Progredir é, em suma, vivenciar gradativa e plenamente as normas estabelecidas pelo Criador de todas as coisas.

Essas normas têm sempre um direcionamento imutável, em sua essência: o Bem.

O Amor, a Justiça, a Caridade, a Humildade, a Compreensão, a Compaixão, a Fraternalidade, a Tolerância, todas as denominadas *virtudes* reconhecidas como ideais no relacionamento dos homens, entre si e com seu Criador, são componentes da lei divina.

Todas as criaturas humanas, vale dizer todos os Espíritos habi-

tantes deste Orbe atrasado, de expiações e provas, submetidos às leis eternas, entre as quais a do Progresso, estão em demanda do aperfeiçoamento contínuo, sob a orientação do Governador Espiritual da Terra – o Cristo de Deus.

Já as leis humanas, normas estabelecidas pelos próprios homens visando regular o relacionamento entre si mesmos, nas mais variadas situações criadas dentro das sociedades organizadas, é notório que elas refletem as imperfeições dos legisladores.

A Declaração dos Direitos Humanos, que as Nações Unidas denominaram de universal, é um dos documentos que honram a Humanidade

Desde que o homem percebeu a necessidade de estabelecer normas de relacionamento entre os membros do organismo social primitivo, logo notou que havia necessidade

de impô-las através da força, do poder.

A lei humana pressupõe, pois, um poder que a imponha.

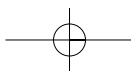
Qualquer que seja esse *poder*, constituído pelo chefe, rei, imperador, ministro, órgão legislativo, executivo, judiciário ou que denominação tenha, refletirá ela sempre as imperfeições humanas sintetizadas na ignorância, no egoísmo e no orgulho.

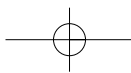
Daí a imperfeição da lei humana, embora possa ela refletir as aspirações mais elevadas no campo dos interesses coletivos, da ética, da moral, da fraternidade.

...

Os denominados *direitos humanos*, hoje cultivados por toda parte como um ideal comum de todas as nações, povos e raças, independentemente de sua forma de governo, força, representação, e também pelas individualidades, sem se cogitar de sexo, idade, e condição social, foram objeto de uma *Declaração* da Assembléia Geral das Nações Unidas, a 10 de dezembro de 1948, três anos após o término da II Guerra Mundial.

A Declaração dos Direitos Humanos, que as Nações Unidas denominaram de *universal*, é um dos documentos que honram a Humanidade, na sua aspiração de dignificar toda a família humana, na busca da liberdade, da justiça, da





fraternidade para todos os seus membros.

É interessante frisar que essa *Declaração* coincide, em diversos de seus artigos e itens, com a Doutrina Espírita expressa em sua obra básica – *O Livro dos Espíritos* – e em seus desdobramentos.

Norma do Direito Internacional, nem por isso prescinde de um organismo que a faça obedecida por toda a comunidade humana, dentro daquele pressuposto, já referido, da existência de um poder que a imponha.

As Nações Unidas seriam a força, ou poder de imposição.

Acontece, entretanto, que os dirigentes das nações e os componentes dos organismos internacionais, como a ONU, são homens mais ou menos esclarecidos, todos com suas imperfeições, seus conhecimentos e sentimentos que muitas vezes se chocam em divergências inconciliáveis.

Eis, então, o grande obstáculo para a transformação de um mundo áspero, atrasado, como o nosso, em um mundo regenerado, como prevêm os Espíritos Superiores.

Mesmo que já sejam conhecidos, há séculos, os princípios superiores da liberdade, da justiça e da paz, como ideais para reger os destinos de todos, esses ideais encontram a oposição da ignorância e do egoísmo de muitos, talvez da maioria da população mundial.

Transformar sentimentos inferiores em idéias e realidades justas e superiores, em um mundo como a Terra, é obra de paciência e de amor. Felizmente, para todos nós, essa obra extraordinária e bela é conduzida pelo Mestre Incomparável, o Cristo, que vai contando com

aqueles que já compreenderam a grandeza do ideal a alcançar.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos não foi uma improvisação. Ao contrário, é ela o último estágio de uma série de aspirações análogas, formuladas através dos tempos, sempre em oposição ao barbarismo que tem ultrajado a “consciência da Humanidade”.

Antes desse notável documento de 1948, doutrinas e filosofias já porfiavam em favor da liberdade de consciência, da palavra, de crença, a salvo do temor e das necessidades existenciais.

Nos conflitos entre nações e povos, ou na desobediência aos direitos declarados, cada governo ou organismo social julga que deve prevalecer seu ponto de vista

No período do Iluminismo, como na Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776) e sobretudo como resultante da Revolução Francesa (1789), a idéia da liberdade para o homem estava no centro das cogitações para uma vida melhor para todos.

O dístico da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade – tornou-se conhecido no mundo, com poderosa influência na preparação de uma nova etapa na organização social e política de várias nações.

Recordamos que no Brasil, com a queda do Império, sua primeira Constituição Republicana (24/2/1891) consagrava as liberdades fundamentais, entre as quais a liberdade religiosa, em contraposição ao regime anterior, que estabelecia a ligação da Igreja Católica com o Estado.

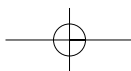
De outro lado, a libertação dos escravos negros nas Américas foi conseqüência natural de uma nova consciência baseada na necessidade da liberdade para todos, que já se vinha firmando há séculos.

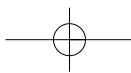
A Declaração de 1948, redigida inicialmente por René Cassin, consagrou os direitos fundamentais do homem “como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações...”

Posteriormente, acresceram-se determinados direitos vinculados não somente à segurança econômica dos indivíduos, tais como o direito ao trabalho, ao repouso, à saúde, e à instrução, mas também à solidariedade em perspectiva internacional, incluindo-se aí o direito à paz e à preservação do meio ambiente.

O grande problema não está na forma e na expressão dos direitos declarados que, em princípio, deveriam ser acatados por todos, para o bem de toda a Humanidade.

Ocorre que nos conflitos entre nações e povos, ou na desobediência aos direitos declarados, cada governo ou organismo social julga que





deve prevalecer seu ponto de vista, ou seu entendimento, em flagrante retorno ao velho egoísmo que sinaliza a marcha das civilizações humanas, desde as eras mais remotas.

Assim, o organismo internacional constituído pelos próprios países que assinaram a notável Declaração – a ONU – vê-se muitas vezes desobedecido, ou contestado, com graves prejuízos para os princípios estabelecidos e reconhecidos e para aqueles que neles confiam.

Voltamos, assim, ao magno problema das imperfeições humanas, cuja solução desemboca sempre na necessidade da educação intelecto-moral, pelo menos para a maior parte dos habitantes deste orbe, para que essa maioria influencie decisivamente sobre a minoria recalcitrante.

...

Nos objetivos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos princípios cristãos-espíritos, expressos na Doutrina Consoladora, existem afinidades e coincidências que ressaltam à simples leitura. Alinhemos abaixo alguns preceitos, comuns.

I – Ambas se referem à liberdade de que são dotados todos os homens ao nascerem. O livre-arbítrio faz parte do Espírito, desde sua criação, que o reafirma ao nascer, ou renascer neste mundo. No seu íntimo o homem é sempre livre, mesmo quando subjugado em sua forma.

II – Todos os homens têm direito à vida e à liberdade.

A vida é o primeiro direito reconhecido. Por isso, a pena de morte e a escravidão são proscritas.

III – Todos os homens são iguais perante a lei, sem distinção

de raça, cor, sexo, língua, religião, riqueza ou pobreza. Este princípio da igualdade perante a lei só veio a se firmar a partir dos fins do século XVIII, apesar de persistir a escravidão até fins do século XIX.

IV – A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade humana.

O casamento é direito do homem e da mulher, assim como sua dissolução.

V – A propriedade é reconhecida como direito.

VI – Todos têm o direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, podendo manifestar sua religião pela prática e pelo livre ensino.

VII – É reconhecido o direito à liberdade de opinião, de expressão, de reunião e de associação pacíficas. Esse direito é fundamental para as minorias religiosas.

VIII – Todo homem tem direito ao trabalho, com remuneração, e ao repouso.

IX – A maternidade e a infância têm direito a cuidados especiais.

X – É reconhecido o direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de produções científicas, literárias e artísticas.

XI – Transcrevemos, por fim, o item 2 do artigo XXVI da Declaração, por seu idealismo ainda não alcançado, expressando a fraternidade e a paz tão desejada:

“A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.”

Notamos que a Doutrina Espírita, que visa educar e reeducar os Espíritos que renascem neste mundo, não está só. Suas idéias e ensinamentos já são partilhados por outros idealistas espalhados pela crosta terrestre. ■

Direito de viver

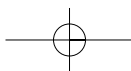
(*O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, Parte 3ª, cap. XI, ed. FEB)

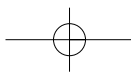
880. *Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?*

“O de viver. Por isso é que ninguém tem o de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal.”

881. *O direito de viver dá ao homem o de acumular bens que lhe permitam repousar quando não mais possa trabalhar?*

“Dá, mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de um trabalho honesto, e não como egoísta. Há mesmo animais que lhe dão o exemplo de previdência.”





Tempo, mente e ação

“**N**o princípio... A Terra era vazia e havia trevas sobre a face do abismo.” (Gênesis, 1:1-2)... e Deus iniciou a Sua Obra, a que conhecemos...

Por mais que a inteligência humana recue na busca desse *princípio*, o primeiro momento desaparece no tempo e no espaço, sem que qualquer concepção possa apresentar um limite, perdendo-se, no infinito, que dimensiona a humana ignorância a respeito da Causalidade Absoluta.

Desde que, *no princípio*, torna-se o ponto de partida para o tempo, que haveria antes, se é que havia? Da mesma forma, assomam, à mente, as propostas evangélicas, quando se referem ao *até o fim dos tempos* (I Pedro: 1:20), ensejando margem a novas inquirições a respeito do que ocorrerá depois, se ocorrer...

Mesmo que se aprofunde ao máximo a inteligência, através do conhecimento, na decifração da incógnita do tempo, mais complexos se tornam os fenômenos que através dele se manifestam e podem ser observados.

Desta forma, a única dimensão descomprometida para elucidá-la é a tácita aceitação da Eternidade, abrangendo o ilimitado e o relativo, o *antes* não existido e o *depois* que não existirá.

O tempo, no entanto, somen-

te se torna realidade por causa da mente, que se apresenta como o sujeito, o observador, o Eu que se detém a considerar o objeto, o observado, o fenômeno.

Esse tempo indimensional é o real, o verdadeiro, existente em todas as épocas, mesmo antes do *princípio* e depois do *fim*.

Aquele que determina as ocorrências, que mede, estabelecendo metas e dimensões, é o relativo, o ilusório, que define fases e períodos denominados ontem, hoje e amanhã, através dos quais a vida se expressa nos círculos terrenos e na visão lógica – humana – do Universo.

A mente relaciona manifestações que decorrem, no Sistema Solar, dos movimentos de translação e de rotação da Terra, limitando os espaços que passam pelo crivo das convenções estabelecidas e tornadas realidades, sempre porém, aparentes, porque em caráter relativo e não em acontecimento – fenômeno – absoluto.

Não obstante, mesmo na estabelecida raia, a variação de conteúdos demonstra que somente o real existe, sendo o conceptual uma criação-limite necessária para a mente de cada indivíduo.

Esse organograma de fases torna-se uma necessidade para o processo samsárico, a infinita roda das reencarnações. Face ao impositivo da consciência que estabelece as marcas temporais, o conceito do hoje assume a condição do que se pensa, do que se faz e do que se aspira.

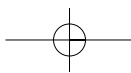
É resultado inevitável do já realizado – passado – promovendo a construção do que se realizará – futuro.

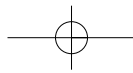
Se, por exemplo, alguém, num grupo, observar qualquer ocorrência, esta passa a ter existência conforme o grau de emoção do envolvido, o seu discernimento intelectual, a sua capacidade de identificação com o fato, a sua óptica existencial. Cada um, portanto, daqueles que assistiram o acontecimento, experiencia uma vivência que difere, às vezes, diametralmente do que o outro captou.

Esse fenômeno é observável nos testemunhos apresentados por pessoas que estiveram presentes e acompanharam o desfecho de algum crime ou irregularidade. Mesmo quando honestas, os seus enfoques provocam perturbação nos jurados, que ficam impossibilitados de discernir o real do imaginário, exigindo a habilidade dos advogados, quer de defesa, quer de acusação – a promotoria especialmente – para que seja estabelecida a verdade, sempre relativa e raramente legítima em torno do acontecido.

Aquele agora do fato, logo depois se arquivou na memória do passado, que será ressumado no futuro, quando um novo presente se imponha como condição de justiça para a regularização penal necessária.

A mente, portanto, que pensa, estabelece que o ato em que se fixa é o presente, no entanto, na celeridade do tempo em si mesmo – sem movimento, sem pressa nem vagar





– à medida que elabora ou conceitua cada percepção estabelecida torna-se passado, e enquanto desenvolve a reflexão avança pelo futuro afora.

Viajar no permanente agora, integrando-se nas experiências que defluem das ações – pensamentos condensados em atitudes – enriquece o ser humano com a sabedoria, avançando no rumo da perfeição.

Terá limite essa conquista? Certamente que não, porquanto, se o houvesse, delinear a borda de uma espiral cada vez mais ampla em um novo ciclo do processo da evolução.

O tempo terrestre, limitado, para facultar o entendimento do campo da sua infinitude, somente poderá ser experienciado através da oração e da meditação. A primeira, auxilia a romper-se o círculo dos pensamentos, nos quais a mente se movimenta, concedendo o êxtase, a anulação do tempo e o desaparecimento do espaço, propiciando outra dimensão emocional. A segunda, faculta a ruptura da barreira que dimensiona e encarcera, em cujo bojo uma experiência sucede à outra, dando curso ao mecanismo das medidas. No mergulho de seu campo de vibrações, fora do tempo terrestre, o Espírito – não mais o eu superficial – volve ao seu mundo de origem e participa da vida em sua plenitude, sem a prisão das sensações, nem os tormentos da emoção linear.

Essa penetração profunda nas esferas do tempo real é conseqüência da conquista vertical da experiência que se transformará em ação, ao invés da horizontal dos atos que se sucedem indefinidamente...

Esse tempo real é o oceano infinito onde o Universo, em fases e períodos, repete as suas manifestações cósmicas. Ciclicamente, os fe-

nômenos ressurgem e se immortalizam no triunfo do Espírito que foi *criado simples e ignorante*, aformoseando-se, agigantando-se, mediante o esforço e o trabalho edificante, iluminando-se com a sabedoria.

Eis definida a necessidade da reencarnação, através de cuja *roda de samsara*, o ser emerge das formas pesadas e ala-se em dúlcidas vibrações de luz no rumo do Infinito. Enquanto persevera nas amarras do passado, que se transformam em cadeias de sofrimentos e de angústias no presente, necessita de deslindar-se caminhando para o futuro. Todos esses tempos, porém, encontram-se num só período de tempo denominado hoje, que lhe constitui a oportunidade incomparável de sair das repetições dos comportamentos afligentes.

Fadado à plenitude, o Espírito alça-se ao infinito, etapa a etapa, mediante as conquistas de amor e de sacrifício que o dominarão ao largo das vivências de sublimação.

Esse empenho libertador auxilia-o na busca do *Nirvana*, do *Reino dos Céus*, da *Espiritualidade Superior*, onde o tempo e o espaço se encontram no infinito da realidade por enquanto desconhecida. Somente através desse processo é que se desenvolverá o *Cristo Interno*, a *Divina Chispa*, a *Semente Sublime*, o *Deus interior*, que predomina em germe no cerne de todos os seres humanos.

A mente, inquieta e insegura, gerando conflitos por tendência tormentosa, herança atávica dos períodos de transição pelos quais passou, engendra astutos – instintivos – mecanismos de fuga da realidade – do tempo legítimo – para a fantasia, a ilusão, o medo, a incerteza

que atira na sucessão da dimensão limitada, estabelecendo sofrimentos nos quais se compraz...

Este relativo fenômeno do tempo hoje sconstitui a ensanchar para a aprendizagem da ação profunda mediante a vivência em que se transforma a imagem do pensamento.

No começo, passo a passo, avança pelo tempo relativo, o ontem fundindo-se no hoje e este fazendo-se o amanhã que está chegando.

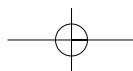
Mediante a legítima reflexão, além da mente que raciocina horizontalmente $a+b=ab$, saltando-se para a conexão tempo-espaço infinito, viver-se-á um hoje contínuo, que não se transfere para o futuro nem recua para o passado nele embutido, trabalhando em favor do estado de paz permanente.

Mui comumente se afirma que o tempo no prazer, na alegria, na felicidade é sempre rápido, enquanto que durante a expectativa de algo, no sofrimento, no testemunho, na angústia é sempre muito demorado, não obstante seja a mesma a carga de segundos em que transcorrem ambos os estados emocionais.

Certamente, a dimensão horária funcionará no ser biológico, assim como no psicológico, na mente condicionada, desgastando o corpo que se consumirá, pela inevitável transformação molecular na sepultura ou na incineração, liberando, porém, o Espírito, para que prossiga a experiência de eternidade em que se iniciou, desde o seu nascimento, mas que nunca se extinguirá...

Carlos Torres Pastorino

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na sessão da noite de 19 de março de 2003, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.) ■





O sentimento religioso

Rogério Coelho

“(...) Torna tua Vida um hino de amor e deixa que o sentimento religioso trabalhe tuas inspirações”.

– Joanna de Ângelis¹

Poderoso propulsor de nossa marcha evolutiva, o sentimento religioso, ínsito na intimidade da Alma, deve ser estimulado sempre...

É através desse nobre sentimento que seremos auxiliados de vários modos em nossa incessante busca da perfeição. Com ele enfrentaremos as vicissitudes naturais do carreiro evolutivo com mais tranquilidade, equacionando-as, ou pelo menos as minimizando à medida que aparecem. Tal sentimento nos dará o acréscimo de energia para o enfrentamento das dores, auxiliando-nos a superá-las, e ensinará uma suficiente abertura em nosso entendimento, a fim de que possamos compreender o sentido da dor, a necessidade das lutas e das renúncias, ao mesmo tempo em que dinamizará nosso bom ânimo, que – conseqüentemente – nos firmará no escorregadio terreno das provas e expiações.

A nobre Mentora Joanna de

¹ Joanna de Ângelis/Franco, D. P. *No Rumo da Felicidade* – LIS Gráfica Editora.

Ângelis nos convida a mergulhar – diariamente – o pensamento numa frase de Jesus, dela fazendo um elo com o Pai Celestial, uma vez que tal providência não só nos auxiliará a enfrentar com serenidade e brio os percalços da vida, mas nos oferecerá os recursos para superá-los com eficiência, logrando o sucesso de nosso empreendimento evolutivo.

Sendo o sofrimento uma realidade ainda ligada ao nosso processo evolutivo, o sentimento religioso, ou seja, a religiosidade é a terapêutica criadora da **resignação dinâmica** que nos permite uma antevisão do futuro risonho, no qual nossa caminhada evolutiva se estenderá sem os altibaixos limitados pela aflição e serenidade, ensejando-nos uma estabilidade emotiva tão necessária à percepção e entendimento dos Planos Divinos em favor de nossa alteada destinação espiritual.

Do que ensina² a Mentora amiga, ainda podemos depreender que:

“(...) O sentimento religioso brota no coração e se desenvolve na mente, ora como necessidade de união com Deus, vezes outras como forma de louvor e de gratidão a Ele, portanto não tem a finalidade de negociar benefícios, mediante pedidos incessantes e promessas ilógicas, tão ao gosto de muitas criaturas detentoras de credulidade irrefletida.

Sem dúvida, ele assim também se expressa em alguns níveis de

² Idem, *ibidem*.

consciência, revelando-se em forma primária, ingênua, mas que crescerá na direção das finalidades elevadas.

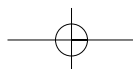
É inata a tendência humana para a adoração. Quando não o faz a Deus, aplicando o sentimento religioso, deriva-a para objetos, pessoas e aspirações. Na ambição da fortuna, torna o homem avaro; na busca do prazer incessante, atira-o à promiscuidade da luxúria; na sede da fama ou do poder, apaixona-o e o torna ególatra na conquista do mundo, ensandecendo-o e vitimando-o.

Canalizando-a, porém, para o sentimento religioso liberta-o, ampliando-lhe as metas e aspirações que se transformam no essencial a conquistar, proporcionando-lhe os meios saudáveis para consegui-lo.

Todos os grandes vultos da Humanidade lograram realizar os seus sonhos de contribuir para o progresso geral, graças à *religiosidade* que aplicaram aos seus planos e ao sentimento de fidelidade que mantiveram em relação aos mesmos, jamais se afastando dos rumos que seguiam”.

Se Jesus afirmou – sem rebuços – ser Ele o “Caminho”, é evidente que seguindo-O não nos perderemos; mas para que O sigamos sem possibilidade de desvios desastrosos, faz-se mister que nos situemos no mesmo patamar da decisão que fez Paulo escrever aos gálatas (2:20):

“*Já não sou em quem vive, mas Cristo vive em mim.*” ■



Chico Xavier

Um ano no Mundo Espiritual

Há um ano, em 30 de junho de 2002, Francisco Cândido Xavier, missionário do Amor e da Mediunidade, retornava à Pátria Espiritual. A sua desencarnação comoveu a todos – espíritas e não espíritas. Durante os dois dias de velório, no *Grupo Espírita da Prece*, em Uberaba, compareceu imensa multidão, formando filas quilométricas compostas por pessoas de todas as idades, sem distinção de raça, credo religioso e condição social, que lhe foram

levar sua comovente despedida. A mídia registrou o evento em manchetes, artigos e noticiário veiculados na televisão e em importantes revistas e jornais da imprensa brasileira.

Reformador dedicou-lhe uma edição especial, em julho de 2002, com o “manifesto propósito de gratidão e de reconhecimento pelo muito que nos ofereceu, especialmente ao Movimento Espírita”. O Editorial, intitulado *O Apóstolo do Amor Incondicional*, destacou o seu perfil de servidor do Cristo nestes termos:

“Servindo-se de severa autodisciplina, de uma humildade consciente, de dedicação plena ao Bem, de abnegação constante e de muita perseverança, ‘negando-se a si mesmo’ como recomenda Jesus, retorna vitorioso para a Pátria Espiritual, deixando para nós os seus exemplos, para que sirvam de balizas ao nosso esforço de aprimoramento espiritual, objetivo maior da nossa encarnação na Terra.”

Se os homens, reconhecidos ao abençoado missionário do Bem, prestaram a Chico Xavier suas homenagens no momento em que a vida do corpo se findara, era recebido com alegria no Mundo Espiritual, conforme inúmeros registros mediúnicos, pelos Espíritos nobres que com ele trabalharam no campo da mediunidade e por aqueles outros que receberam as dádivas do seu coração e da sua sabedoria.

Chico Xavier encerrou sua missão na Crosta terrestre, mas, agora – liberto das limitações do corpo físico e das moléstias que o consumiram –, na condição de Espírito iluminado, multiplica a doação do seu Amor aos irmãos em Cristo que permanecem na retaguarda da vida material. ■



Editora Globo

CHICO XAVIER, aos 88 anos de idade



O 13º discípulo

Passos Lírio

“É indispensável não atentarmos para os indivíduos, mas, sim, observar e compreender o bem que o Supremo Senhor nos envia por intermédio deles.

Que importa o aspecto exterior desse ou daquele homem? que interessam a sua nacionalidade, o seu nome, a sua cor? Anotemos a mensagem de que são portadores. Se permanecem consagrados ao mal, são dignos do bem que lhes possamos fazer, mas se são bons e sinceros, no setor de serviço em que se encontram, merecem a paz e a honra de Deus”. (Caminho, Verdade e Vida, pelo Espírito Emmanuel, psicografado por Francisco C. Xavier, cap. 42, ed. FEB, p. 100.)

Se compulsarmos os evangelhos de Mateus, Lucas e João, não encontraremos nenhuma referência a um 13º discípulo, apenas sucinta menção nas anotações de Marcos.

Desconhecido, não há como saber-lhe o nome, nem mesmo a nacionalidade, o de que tão-somente temos notícia é da ação apostólica por ele desenvolvida.

É de se inquirir como pôde tão singular personagem fazer jus à posição de discípulo de Jesus, estranho que era ao Colégio Apostólico, conseqüentemente sem convívio com os doze que o compunham.

Num dia de causticante calor, tarde ensolarada, a multidão aguardava ansiosa a presença de Jesus, que não aconteceu. Um cidadão desconhecido, porém, ante o malogro da expectativa frustrada, se permitira fazer-lhe a vez, dispensando assistência espiritual ao magote de almas sofridas.

Esse o caso, em breve notícia, da qual nos põe a par o evangelista Marcos (9:38-41). “Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco. Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e logo a seguir possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós, é por nós. Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.”

Perfil – Mão-de-obra

Embora no anonimato, sem que se lhe saiba o nome nem a nacionalidade, o mesmo já não se constata com o seu perfil, assim traçado: “Um jovem moreno, de olhos cinzentos e sonhadores, modestamente trajado com uma única túnica de algodão escuro, alpercatas gregas e manto de lã marrom. Seus cabelos eram negros e abundantes, não passando, porém, da altura do pescoço, e sua barba era pequena,

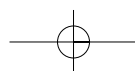
negra como a cabeleira, e muito bem tratada”.

Jamais esse jovem se fazia acompanhar de outro de sua idade, nem mesmo era visto interessado em palestras amistosas e frívolas. Ensimesmado e introvertido, não era dado a tiradas espirituosas e muito menos a ditos que suscitasse hilaridade, sem contudo chegar a ser mal-humorado ou misantropo.

Munido dos apetrechos necessários ao livre curso do seu trabalho, portava dois roletes de madeira muito fina envoltos em retalhos de linho, espécies de carretéis, como eram, então, de uso pelos intelectuais e estudantes, para o cultivo da escrita, utilizados comumente pelos gregos. Um desses roletes era suprido de excelente “papiro”. “O outro, vazio. Um saco de carneiro que trazia a tiracolo, sob o manto, guardava as duas preciosidades e mais os estiletos e tintas coloridas para a escrita, tudo cuidadosamente acondicionado em tubos apropriados.”

Em outra situação de emergência

De outra feita, condoído do pungente quadro que se lhe apresentava – a multidão tostada pelo sol causticante, sem ter onde resguardar-se, mal se sustentando em pé, corpos alquebrados e esqualidos, com sede e fome –, o moço anônimo notando a ausência de Jesus, que ainda dessa vez não aconteceu, pôs-se



à frente das infortunadas criaturas e lhes prodigaliza os almeçados benefícios naquela situação de emergência, como eventual doador.

Concluída a tarefa, já se predispunha a retornar à pousada, quando foi surpreendido pela presença de João, que, em presenciando, em mais essa oportunidade, a ocorrência substituição, aproxima-se do jovem para penitenciar-se, em nome dos demais discípulos, da imprópria e imprudente atitude de proibição que tiveram para com ele; encarece-lhe esquecesse o lamentável incidente e o incentiva, com sincero desejo, a que não se lhe arrefecesse o ânimo ante os sacrificiais desdobramentos de suas atividades.

E não houve mesmo desfalecimentos ao longo das peregrinações a que se deu. Deveras empenhado em ser o detentor do conteúdo de todas as prédicas de Jesus, a cujo magnetismo se imantava, não trepidou em se pôr a campo para consecução do almejado objetivo; aonde quer que o Nazareno estivesse, fosse qual fosse a localidade, ele aí estaria a postos, e o fazia, cauteloso, esgueirando-se por entre os ajuntamentos da massa humana, aliás de todo alheia ao que se passava em seu redor, interessada tão-somente em visualizar o meigo Rabi.

Posicionado como bem lhe conviesse, ora sentando-se no próprio chão, ora em assentos improvisados menos desconfortáveis, punha-se a manuscritar as falas do Divino Pregador da Boa-Nova.

(Só se dispensava dessa atividade, quando o Senhor estivesse a sós com os discípulos ou em visitas a domicílios ou em reuniões da sinagoga ou participando de alguma hospitalidade.)

Em uma das reuniões, comprimido pelo aglomerado humano, empurrado de um lado e de outro, Jesus foi impelido a aproximar-se tanto do jovem amanuense, a ponto de sua túnica roçar-lhe o rosto, ensejo em que a tomou nas mãos beijando-a, sem conter as lágrimas, num testemunho de deferência e veneração. Ato contínuo, o Messias de Deus pousa-lhe, cariciosamente, de leve, a mão na cabeça, momento em que seus olhares se cruzam, num emudecimento pontuado de significativa transparência, a um tempo, humana e divina.

Em curso de apostolado

Já em fase bem mais avançada no acompanhamento a Jesus, em Jerusalém, Gadara, Judéia, Galiléia, Cesaréia, Jericó, Carfanaum – em povoados ou aldeias –, era certo estar presente o moço do manto mar-

Recolhido à pousada em que se hospedava, comprazia-se em passar revista nas anotações do dia e meditar sobre o seu conteúdo, buscando assimilar-lhe a essência

rom, pelas manhãs e às tardes, períodos em que ocorriam as pregações.

Nos intervalos, atento ao imperativo de sua subsistência e querendo supri-la às expensas próprias, dava-se a tarefas que lhe garantissem o ganha-pão de cada dia. Era de ver-se a faina diária: remendando mantos e túnicas para os costureiros, consertando tendas para os viajantes, limpando e varrendo o mercado para os lojistas, carregando água para as famílias, entregando cestos de compras em domicílios, levando camelos e cavalos de forasteiros a beberem água e a serem lavados “no poço mais próximo”. Ele que ficara sobejamente conhecido como exímio musicista, homem culto, poliglota, dominando o aramaico, o grego e o latim, além de impecável apresentação pessoal, própria de alguém em destacada posição social, nem por isso o ilustre desconhecido se sentia constrangido ou humilhado por levar semelhante gênero de vida.

Recolhido à pousada em que se hospedava, comprazia-se em passar revista nas anotações do dia e meditar sobre o seu conteúdo, buscando assimilar-lhe a essência, tecendo à margem comentários ao sabor da inspiração. Assim se detinha até altas horas da noite.

Com Jesus em sonho

Uma noite, poucos dias depois da ressurreição do Cristo, fatigado das horas de canseiras, adormeceu incontinente e sonhou que o Mestre o visitava em seu modesto albergue, dirigindo-se-lhe nesses termos: “Filho querido! Dar-te-ei a incumbência de relatar aos jovens que encontras em teus caminhos o noti-



ciário que escreveste, e que aí está... Será bom que te dediques também a educar corações e caracteres para os meus serviços do futuro, que abrangerão o mundo inteiro, através das idades... Não te limites a curar apenas os corpos, que tendem a desaparecer nas transformações do túmulo. Trata de elucidar, para curar também as almas, por amor de mim, pois estas são eternas, mais necessitadas do que os corpos, e tenho pressa de que se iluminem com os fachos da Verdade...

(Vale ressaltar que o moço noticiarista, musicista que o era – como já anotado –, portava um pífano, “uma espécie de flauta” e um alaúde, “antigo instrumento de cordas e cravelhas”, dos quais retirava sons de harmoniosas modulações.)

Na manhã seguinte à do sonho, nas imediações do mercado de Jerusalém, sentado sobre as pernas cruzadas, executava melodias de envolventes e penetrantes sonoridades, rodeado de crianças e jovens, a quem pedia sentarem-se, ao término dos números musicais, para contar-lhes tudo quanto ouvira do Senhor e Mestre, e o fazia com tal mestria, com tanto “engenho e arte”, que o improvisado auditório ao ar livre não dava mostras de enfado, ao longo das horas, tão enleado estava em ouvi-lo.

De públicas essas reuniões, a céu aberto, passaram a ser domiciliares, com considerável afluência de maior número de participantes – familiares e vizinhos –, que acompanhavam, atentos e absortos, as narrativas do fidedigno expositor de casos e coisas, atitudes e ações da vida de Jesus, cujos ensinamentos e exemplos calavam fundo no âmago dos ouvintes, muitos dos quais se fize-

ram fiéis depositários do precioso legado.

Em final de vida, novo sonho com Jesus

Mais do que nunca, com a saúde desgastada pelo cansaço dos dias de apostolado, numa bela noite, em que se encontrava bastante meditativo e abalado, ao deitar-se, voltara a sonhar com Jesus, que assim lhe falara: “Prossegue ainda, filho querido! Prossegue até a morte, porque me tens prestado um precioso serviço! Educa, educa para mim, e em meu nome, as almas e os corações que se ignoram, porque me ignoram... A alma é imortal... E eu tenho pressa que todas se alcandorem ao Sol da Verdade Eterna...”

Em Roma, cidade cosmopolita, onde se domiciliara, “os transeuntes deparavam pelas ruas um ancião de barbas brancas e olhos castos e sonhadores, sentado sobre as próprias pernas cruzadas, à moda oriental, tocando velhas melodias em um velho pífano, ou recitando ou cantando, com voz trêmula e quase apagada, lindos e singulares poemas ao som de um alaúde, rodeado de jovens e crianças que lhe rogavam, em todas as línguas, entre sorrisos prazenteiros:

“– Conta-nos, avozinho, aquela história do Príncipe, filho dos deuses, que desceu do Olimpo para curar cegos e leprosos, paráliticos e surdos-mudos, endemoninhados e coxos... e para amar os pecadores e redimi-los, ensinando-lhes a lei do amor, que substituirá a violência...”

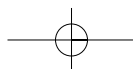
Envelhecera o guapo e esbelto jovem da fase primaveril de outros tempos, conhecido agora pela criançaçada como “o velho do manto ro-

to”. Combalido, corpo arqueado, olhos embaçados, semblante enrugado, cabeleira em desalinho, barba nevada, mãos encarquilhadas, andar trôpego, veste desbotada, sandálias encardidas, até então sem nome nem nacionalidade, assim termina os dias de vida, fecha o ciclo da existência aquele que deixara a sua imagem fidedignamente retratada como 13º discípulo do Colégio Apostólico, como tal reconhecido e sagrado por Jesus, junto a quem estivera, assiduamente, com admirável perseverança e dedicação, a serviço da Boa-Nova, arrebanhando as ovelhas tresmalhadas e perdidas de Israel para o acolhedor e remansoso Aprisco do Senhor.

Destarte, marcou a sua identidade, não pelo nome próprio e do país de nascimento, mas, sim, pelo que fora e fizera em benefício dos semelhantes. Desconhecido dos homens, mas identificado pelo Cristo, que lhe atribuíra justa qualificação, esta muito além e superior às formalidades humanas. Autêntica consagração!

“Esse discípulo, todavia, poderás ser tu mesmo, meu amigo, tu, que me lê! Hoje ainda, o mundo tanto necessita da Doutrina do Senhor como nos tempos de Anás e de Caifás, de Pilatos e de Herodes, de Nero e de Calígula... E tu que, voluntariamente, te aliaste, em boa hora, à Causa da redenção da Humanidade, poderás prestar idêntico serviço a Jesus... De uma coisa apenas necessitarás para o desempenho de tão grande tarefa: – Amor a Deus, ao próximo e ao Evangelho do teu Mestre Nazareno...”

Fonte: PEREIRA, Yvonne A. *Ressurreição e Vida*. 10. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 77. ■



Inauguração do Mausoléu de Chico Xavier

Yeda Hungria

Uberaba, coração do Triângulo Mineiro e do mundo espírita, foi novamente palco de homenagem a Francisco Cândido Xavier.

Como em 2 de julho do ano findo, o povo retornou ao Cemitério São João Batista, no entardecer de 25 de outubro, desta vez para a inauguração do seu mausoléu.

Na entrada, torres pontiagudas, junto ao pesado portão, apontam sugestivamente para o infinito, símbolo da ascensão espiritual. Delas, nascem três arcos e outro mais, semelhante a um coração. Encimando-os, graciosos arabescos anunciam o ano de criação do cemitério – 1856.

Vencido o pórtico, descortina-se extensa aléia, flanqueada por lápides em granitos de muitos tons, santuários de personagens ilustres ou obscuros. Ao fim, na quadra “O”, jazigo 623, ergue-se singe-

la edificação em tributo àquele que consagrou 75 anos de sua existência luminosa à maior e mais notável obra mediúnica do Planeta.

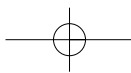
À sua volta, espectadores aglomeraram-se em silêncio.

O monumento, de linhas retas, plasticidade forte e beleza sóbria, integra-se em harmonia com a diversidade local de estilos. Sua plan-ta retangular exhibe três paredes em vidro de segurança e a quarta revestida de granito vermelho suave.

A laje de cobertura avança acolhedora até o muro do cemitério. Nele, em alusão à psicografia, uma réplica da mão do médium de Emmanuel empunhando um lápis, tamanho grande, bronze em alto-relevo do escultor Joaquim Alves Filho, convida os passantes a tocarem-na. Era a sua forma de contacto com o público. Abaixo, em letras douradas, a vontade final expressa: “A minha vida dediquei: À minha mediunidade. À minha família. Aos



Aspecto do Mausoléu: escultura em bronze de Chico Xavier



meus amigos. Ao povo. A minha morte me pertence. Meu corpo deve voltar para a Mãe-terra e não deve ser tocado. Chico Xavier.” Sob o texto, em granito branco, um aparador destinado à distribuição de mensagens dos Benfeitores Espirituais.

Na fachada principal, quase ao nível do piso, breve inscrição em metal dourado: “Homenagem do seu filho Eurípedes Humberto Higinio dos Reis.”

No interior, significativa ambientação. Ao centro, uma mesa e cadeira, a serem brevemente ocupadas por escultura em bronze do homenageado, simbolizando seu intenso labor na psicografia. Sobre a mesa, *Parnaso de Além-Túmulo* – o primeiro dos 412 livros publicados – *Nosso Lar, Paulo e Estêvão, Cinquenta Anos Depois, Maria Dolores, Respostas da Vida*, todos de sua intermediação, e *Kardec Prosegue*, de Adelino Silveira. Próximo, uma imagem de Maria de Nazaré, referência à admiração que o médium sempre Lhe dedicou. À esquerda, sob o piso, envolvido em concreto, o túmulo do inesquecível Apóstolo do Bem. Na parede em granito, ladeada pelas datas de nascimento e de desencarnação, sua foto se destaca junto à gratidão dos amigos, em reconhecido epitáfio: “O homem que teve o peso da Luz. Agradecemos a Deus ter plantado esta semente de amor em nosso país.”

João Batista de Grande, arquiteto paulista e autor do projeto do monumento, por nós ouvido, declarou ter priorizado conceitualmente a proteção contra vandalismo, a relação com a psicografia, a comunicação com o público, abri-

go para o visitante e a simplicidade exemplificada pelo médium.

De Eurípedes, filho de Chico Xavier pelo coração, foram as considerações para a orientação da concepção arquitetônica. A consultoria e os custos do projeto e da construção estiveram a cargo do Presidente do Instituto de Divulgação Editora André Luiz – IDEAL, de São Paulo, Oswaldo de Godoy Bueno, amigo por 38 anos do médium de Uberaba. De ambos partiram a iniciativa e as providências para a realização da homenagem póstuma.

Aberta a solenidade, Eurípedes, Oswaldo e o Prefeito de Uberaba, Marcos Montes, procederam ao corte da fita simbólica e à inauguração do sepulcro.

Oswaldo iniciou os depoimentos salientando que Chico Xavier plantou o amor nos corações e a riqueza do amor está em quanto mais se dá mais se tem. Os tempos do médium mineiro assinalaram a passagem de um ser notável pela Terra, suas obras e exemplos passarão às gerações como ideário imperecível. Concluiu, agradecendo a cooperação de Eurípedes, do Prefeito de Uberaba e dos demais envolvidos nesse preito.

Seguiram-lhe a Presidente do C. E. Caminheiros do Bem, de Araxá, Sílvia Barsanti; as representantes do Grupo Espírita da Prece, de Uberaba, Ivone Fontoura e Marilene Paranhos; a representante do C. E. Jesus Redivivo, de São Paulo, Isabel Mazuskati; o Vice-Presidente da União Espírita Mineira, Marivaldo Veloso; o Presidente da Aliança Espírita Uberabense, Jarbas Varranda; a representante do Governador de Minas Gerais, Lisle Luceña; o dedicado médico do médium

mineiro, Dr. Eurípedes Tahan; o Deputado Paulo Piau, autor do projeto de lei que criou a Comenda da Paz Chico Xavier, e o Prefeito Marcos Montes.

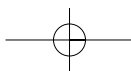
Durante breve pausa nas reverências, Eurípedes e o Prefeito desceram o busto em bronze do Servidor do Bem, localizado junto à entrada, outra obra do escultor Alves Filho.

Os oradores recordaram os anos heróicos do Companheiro Maior e destacaram-lhe a humildade, a disciplina, a bondade, o exercício no Bem, o amor ao ser humano e aos animais, o respeito aos simples e humildes, os exemplos, as alegrias, os sacrifícios pessoais, a vivência pautada no verdadeiro sentido da vida e em consonância com a escala real de valores – algumas de suas inúmeras virtudes.

Eurípedes dirigiu palavras emocionadas e de reconhecimento, nomeando com carinho os amigos que participavam do cotidiano de seu pai. Revelou sentir o íntimo sofrido e uma grande lacuna difícil de ser preenchida: “Dizem que o tempo vai matando a saudade, mas a saudade é que nos vai matando.”

Ao encerrar, agradeceu as presenças amigas, às autoridades em geral, aos que se empenharam na realização da homenagem e despediu-se com um comovido “Até breve, Chico!” repetido em coro emocionado.

Sol posto, penumbra caindo, deixamos lentamente o mausoléu, até perdê-lo de vista, com a doce lembrança do semblante alegre e amoroso do inesquecível Francisco Cândido Xavier, o Amigo da Humanidade, a extraordinária ponte de luz entre o Céu e a Terra. ■



ENTREVISTA: JONAS DA COSTA BARBOSA

Movimento Espírita e Unificação

Informações sobre o Movimento Espírita e a Unificação no Pará, entremeadas com comentários sobre o Conselho Federativo Nacional da FEB, são prestadas por um de seus mais antigos membros, Jonas da Costa Barbosa, em entrevista concedida a Reformador

P. – Há quanto tempo você atua no Movimento Espírita?

JCB – Desde janeiro de 1953, aos 24 anos, quando comecei a frequentar a União Espírita Paraense. Não participara antes de nenhuma Casa Espírita, onde raramente assistia a uma reunião. Fui autodidata. Aos 16 anos comecei a ler os livros espíritas de meu pai, um mês antes de sua desencarnação.

P. – Como você se envolveu com o trabalho de Unificação?

JCB – Passando a integrar a Diretoria da União Espírita Paraense (UEP), em agosto de 1953, logo tomei conhecimento da questão Umbanda, que estava sendo discutida no Conselho Federativo Nacional e, em razão de nosso representante, ali, haver-se posicionado contrariamente às instruções que recebera de nossa Diretoria, foi afastado do cargo. Viajando para o Rio de Janeiro, em janeiro de 1954, levei a incumbência do então Presidente da UEP de conversar com o Presidente da FEB sobre a escolha de nosso novo representante no CFN, ocasião em que fui apresentado ao Prof. Carlos Juliano Torres Pastorino, que morara em Belém, quando padre católico. Resumindo,



Jonas da Costa Barbosa

ele foi escolhido para representar a UEP no CFN.

P. – A União Espírita Paraense alterou o foco de suas atividades nos últimos anos?

JCB – A UEP mantém o mesmo direcionamento desde a instalação de seu Conselho Federativo, criada na reforma do Estatuto, provocada pela visita da Caravana da Fraternidade, em 1950, na divulgação do Pacto Áureo. É certo que nosso Conselho não se instalou de imediato. As Casas Espíritas que devia congregar, com raríssimas exceções, não tinham personalidade jurídica. Houve todo um trabalho inicial para legalizá-las, de forma a criar-se as condições mínimas para

o Conselho começar a funcionar. Desde então tem havido um desenvolvimento bem acentuado. Surgiram outros órgãos de unificação: comissões de apoio, órgãos distritais e, por último, com a reforma do Estatuto, em 1988, estabeleceu-se uma descentralização das atividades, criando-se Conselhos Regionais Espíritas (CREs) e vários órgãos departamentais, estes de apoio ao Movimento Espírita e assessoramento à Diretoria Executiva. Há mais: a figura do CRE-Embrião – uma Casa Espírita adesa situada em região não abrangida por um Conselho Regional Espírita, recebe de nosso Conselho (CONFEB) algumas das atribuições dos CREs. É Casa Espírita e órgão de unificação ao mesmo tempo. Trabalha para desenvolver o Movimento Espírita em sua região até haver condições para a criação de um CRE.

P. – Quais as linhas mestras de atuação da UEP?

JCB – Estimular, permanentemente, o trabalho de unificação, elaborando plano anual de trabalho com a participação de todos os setores envolvidos; acompanhando e, em alguns casos, participando diretamente de sua execução através de sua Diretoria Executiva e órgãos de



partamentais. Tais ações compreendem ainda a fundação de novas Casas Espíritas, gestões visando a obter a adesão das que ainda não o fizeram e esforço de aproximação das que se mostram arredias. Para as atividades de treinamentos, cursos, seminários e outras, convida-se, normalmente, a todas. Realizamos encontros estaduais, anualmente, de jovens e dirigentes das Casas Espíritas. Recentemente, realizamos encontro estadual de coordenadores de ESDE. Fazemos divulgação da Doutrina e do Movimento Espírita para o público em geral através de programas permanentes de rádio, pela mídia impressa e palestras públicas. Diversas feiras do livro são realizadas na Capital e no Interior.

P. – O Movimento Espírita se desenvolve por todas as regiões do Pará?

JCB – Sim, embora em algumas áreas seja ainda bem reduzido. Praticamente, todo o Estado está coberto por Conselhos Regionais Espíritas e CRE-Embriões. Possuímos 143 municípios, vários de criação mais ou menos recente, pouco desenvolvidos, onde ainda não foi possível criar um núcleo espírita. Os 15 CREs e 7 CRE-Embriões procuram chegar a esses municípios, realizando, em alguns, feira do livro, já que faz parte de sua programação. A grande extensão territorial do Pará tem sido fator limitante, considerando-se que há municípios com superfície superior à de alguns Estados. Por volta de 25 anos, praticamente inexistia Movimento Espírita fora da Capital. Hoje, a maioria das Casas Espíritas, embora incipientes, na sua maior parte, encontram-se no Interior.

P. – Que ação considera priori-

tária para favorecer a difusão doutrinária?

JCB – A criação de programas de rádio. Aos poucos estes têm surgido em algumas regiões. Onde começaram a funcionar, os resultados têm-se mostrado promissores. Há um propósito entre nós para estimular o surgimento de novos programas. Em algumas cidades vem sendo utilizado o programa Movimento Espírita, da Federação Espírita do Paraná. Nos lugares onde

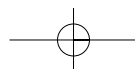
**O estágio atual
tende a melhorar
mais ainda com
modificações
que certamente
virão a ocorrer
na estrutura
direcional
do CFN**

não existe rádio-emissora recorre-se ao que aqui se denomina “boca-de-ferro”, “rádio-cipó”: alto-falantes instalados em postes a transmitir programas gerados em estúdios para propaganda comercial. Está em fase de elaboração, em nosso Departamento de Comunicação Social, um projeto com o objetivo de incentivar a criação de programas e dar apoio à sua manutenção.

P. – Como você avalia o desenvolvimento do Conselho Federativo Nacional desde o início de sua participação?

JCB – Há duas fases a considerar: a do funcionamento, no Rio de Janeiro, e a de Brasília. Muito pouco ou quase nada pude participar da primeira. Reuniões mensais, em que a quase totalidade dos Presidentes das Federativas eram representados, no CFN, por pessoas residentes na primeira cidade, em razão das distâncias e do pequeno intervalo de tempo, só uma vez ou outra, quando coincidia estar na antiga capital, em dia de reunião, ali comparecia. Apenas uma vez estive presente por convocação expressa para o encerramento dos quatro simpósios regionais. A mudança para Brasília, com reuniões anuais, graças ao grande esforço da Diretoria da FEB, permitiu, praticamente, o comparecimento de todos os Presidentes das Federativas. Inaugurou-se, de fato, uma grandiosa etapa. É como um divisor de águas. Passou a haver grande progresso nas realizações do CFN. O Brasil-espírita começou a reunir-se efetivamente; a analisar e discutir as questões de interesse do Movimento Espírita brasileiro. As resoluções e documentos por ele aprovados têm produzido efeitos altamente positivos no desenvolvimento das ações empreendidas no meio espírita. O estágio atual tende a melhorar mais ainda com modificações que certamente virão a ocorrer na estrutura direcional do CFN, de que sem dúvida resultará o crescente fortalecimento do trabalho de Unificação e, conseqüentemente, do Movimento Espírita.

É uma questão de tempo. ■





Vamos aderir?

Richard Simonetti

Podemos conceber nossa mente como poderoso gerador de energia magnética.

Ela se expande ao nosso redor, guardando compatibilidade com a natureza de nossos sentimentos.

Se a pessoa cultiva tendências negativas, terá um padrão vibratório de baixo teor, formando um clima pessoal denso, escuro, pesado, que a infelicitará.

E tenderá a contaminar o ambiente onde se encontra, da mesma forma que alguém gripado disseminará, pela respiração, os vírus de que é portador.

Nossas vibrações fazem o ambiente pessoal.

As vibrações dos moradores fazem o ambiente doméstico.

As vibrações da população fazem o ambiente urbano.

Se o tempo se fecha, carregado de nuvens, há o perigo de descargas elétricas, que causam estragos.

Se o ambiente psíquico de uma cidade é denso, acontecem, em maior intensidade, crimes, acidentes, tragédias, mortes, como raios destruidores que se abatem sobre a população.

...

Relata André Luiz, no livro *Nosso Lar*, psicografia de Chico Xavier, que saindo do Umbral, a re-

gião trevosa que circunda a Terra, admirou-se ao entrar na cidade espiritual.

Céu azul, sol brilhante, sem nuvens, sem nevoeiro...

Explicaram-lhe que era o resultado do compromisso dos moradores com o exercício do Bem, em pensamentos e ações.

Ficou sabendo, então, que o ambiente sombrio, pesado, denso do Umbral, que situáramos como um “purgatório”, é formado pelas vibrações mentais de bilhões de Espíritos encarnados e desencarnados, ainda dominados por sentimentos inferiores, paixões e vícios.

...

Para melhorar nosso ambiente psíquico, do lar e da cidade onde moramos, o caminho é o mesmo dos habitantes de Nosso Lar:

Exercitar bons pensamentos e ações, cumprindo nossos deveres perante Deus e o próximo.

Se o Bem for a marca de nossos dias, estaremos em paz.

Se os moradores da casa fizerem assim, haverá harmonia no lar.

Se os habitantes da cidade tiverem o mesmo direcionamento, haverá drástica redução de crimes, de mortes, de problemas atingindo a população e um abençoado bem-estar felicitará a todos.

...

O envolvimento de toda uma população com essa diretriz é algo

quimérico, distante, em face da inferioridade humana.

Não obstante, toda a jornada, por mais longa, começa com o primeiro passo.

Que tal, leitor amigo, se nos dispuséssemos a participar de uma “corrente do Bem”?

Seria o empenho permanente de fazer algo em favor do próximo, solicitando, como pagamento, que o beneficiário se comprometa a idêntica iniciativa.

Crescendo esse movimento abençoado, o mal será contido, a vida da cidade melhorará, o panorama do mundo será modificado, com promissoras perspectivas de harmonia e paz.

Há, a propósito, uma história interessante, que colhi na Internet. A fonte não cita o autor, motivo pelo qual o situo como desconhecido. Se tomar conhecimento, ele há de me perdoar, bem de acordo com o espírito da própria história:

Uma senhora esperava, há uma hora, no acostamento, que alguém parasse para ajudá-la a trocar o pneu furado de seu carro.

Finalmente, um motorista estacionou por perto e se aproximou.

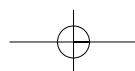
– Meu nome é Bryan. Posso ajudá-la?

Ficou preocupada.

Estava vestido com simplicidade, carro maltratado, bem diferente do seu, novinho em folha.

E se fosse um assaltante?

Mas ele logo foi pegando o macaco e rapidinho trocou o pneu. >





> Ela não sabia como agradecer. Perguntou quanto lhe devia. Bryan sorriu:

– Não foi nada. Gosto de ajudar pessoas, quando tenho chance. Sou grato a Deus pelas dádivas recebidas, embora viva modestamente. Tenho um lar abençoado, uma esposa adorável. Se realmente quer me reembolsar, da próxima vez que encontrar alguém em dificuldade, tente fazer o mesmo.

Partiram os dois.

Alguns quilômetros adiante ela entrou numa lanchonete de beira de estrada. A garçonete aproximou-se sorrindo. Sorriso luminoso, não obstante os pés doendo, o cansaço, por um dia inteiro de trabalho estafante.

E havia a sobrecarga da gravidez. A barriga proeminente revelava avançada gestação.

Atenciosa, limpou a mesa com cuidado, atendendo, solícita, a freguesa.

A senhora admirou seu jeito carinhoso e se perguntava como alguém, em tal situação, conservava a disposição de exercitar a gentileza.

Então, recordou de Bryan e de sua recomendação.

Depois que terminou a refeição, enquanto a garçonete buscava troco para uma nota de cem dólares que lhe dera, a senhora partiu.

Quando a gestante voltou, notou algo escrito no guardanapo, sob o qual havia mais quatro notas de cem dólares.

Não conteve as lágrimas, ao ler:

Alguém me ajudou uma vez e da mesma forma lhe estou ajudando. Não me deve nada. Eu já tenho o bastante. Se realmente quiser me

reembolsar, não deixe este círculo de amor terminar em você.

Naquela noite, quando se deitou, a garçonete ficou pensando no bilhete.

Como aquela senhora podia saber o quanto ela e o marido precisavam daquele dinheiro?

Virou-se para ele que dormia ao lado, deu-lhe um beijo e sussurrou:

– Tudo ficará bem, meu querido. Eu te amo muito, Bryan.

Se houvesse um levantamento estatístico, ficariam admiradas as pessoas ao constatar que naquela noite foram menos numerosos os acidentes e as ocorrências policiais.

É que um círculo de luz se estendera pelas adjacências, a partir de uma corrente de amor a iluminar os caminhos e neutralizar as trevas.

...

Façamos, leitor amigo, a nossa corrente sagrada, estendendo boas ações ao redor de nossos passos, gerando luzes abençoadas a neutralizar as sombras.

Generosos mentores nos ajudarão nesse empenho, e o Bem se estenderá ao redor de nossos passos, favorecendo nossa cidade com um ambiente tranqüilo e ajustado, onde possamos viver em paz.

Vamos aderir? ■

Alcoólatras

QUADRO PUNGENTE

Alcoólatra vampiro alça a boca de balde,
Ébrio desencarnado, a hedionda sede aguça.
Híspidos lábios lambe e escancara a dentuça,
Tateia o vidro, em vão, do frasco verde e jalde.

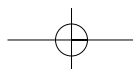
Rápido, caça alguém no remoto arrabalde,
Alcoólatra encarnado encontra e lhe refuça
A goela que se inflama, enrubesce e empapuça,
Como a sacar de si mais sede que a rescalde.

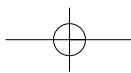
Agarra-se o vampiro ao bêbado por entre
As vértebras do peito e as vísceras do ventre,
Toma-lhe o braço e o corpo... Estala a língua bronca!

A dupla bebe, bebe... E, às tontas, na calçada
Cai de borco no chão, estira-se largada,
Delira, geme, dorme, espolinha-se e ronca...

Honório Armond

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Poetas Redivivos*, Diversos Espíritos, 3. ed., FEB: Rio de Janeiro, 1994, cap. 39, p. 65.





ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Caindo em si

“Caindo, porém, em si...”
– (Lucas, 15:17.)

Este pequeno trecho da parábola do filho pródigo desperta valiosas considerações em torno da vida.

Judas sonhou com o domínio político do Evangelho, interessado na transformação compulsória das criaturas; contudo, quando caiu em si, era demasiado tarde, porque o Divino Amigo fora entregue a juízes cruéis.

Outras personagens da Boa Nova, porém, tornaram a si, a tempo de realizarem salvadora retificação.

Maria de Magdala pusera a vida íntima nas mãos de gênios perversos, todavia, caindo em si, sob a influência do Cristo, observa o tempo perdido e conquista a mais elevada dignidade espiritual, por intermédio da humildade e da renúncia.

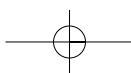
Pedro, intimidado ante as ameaças de perseguição e sofrimento, nega o Mestre Divino; entretanto, caindo em si, ao se lhe deparar o olhar compassivo de Jesus, chora amargamente e avança, resoluto, para a sua reabilitação no apostolado.

Paulo confia-se a desvairada paixão contra o Cristianismo e persegue, furioso, todas as manifestações do Evangelho nascente; no entanto, caindo em si, perante o chamado sublime do Senhor, penitencia-se dos seus erros e converte-se num dos mais brilhantes colaboradores do triunfo cristão.

Há grande massa de crentes de todos os matizes, nas mais diversas linhas da fé, todavia, reinam entre eles a perturbação e a dúvida, porque vivem mergulhados nas interpretações puramente verbalistas da revelação celeste, em gozos fantasistas, em mentiras da hora carnal ou imantados à casca da vida a que se prendem desavisados. Para eles, a alegria é o interesse imediatista satisfeito e a paz é a sensação passageira de bem-estar do corpo de carne, sem dor alguma, a fim de que possam comer e beber sem impedimento.

Cai, contudo, em ti mesmo, sob a bênção de Jesus e, transferindo-te, então, da inércia para o trabalho incessante pela tua redenção, observarás, surpreendido, como a vida é diferente.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*, 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 88, p. 205-206.



Das dificuldades do Espiritismo prático

Orson Peter Carrara

Iniciemos pela definição das palavras. **Dificuldade** é substantivo feminino e indica qualidade de difícil, ou o que não é fácil, obstáculo, objeção, impedimento; **prático** é adjetivo, concernente à prática (ação ou efeito de praticar, experiência, uso pelo exercício, aplicação da teoria) ou aquilo que não se limita à teoria. E a definição de Espiritismo, dada pelo próprio Codificador é que *o Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal*.¹

Quando se fala em *Espiritismo prático*, logo se pensa em **prática** mediúmica, mas a definição do próprio vocábulo **prático**, como acima indicado, refere-se também à aplicação da teoria, além da própria ação ou efeito de praticar. Ora, isto vai além da prática mediúmica, no intercâmbio com os Espíritos, e alcança a questão da vivência prática dos ensinamentos espíritas. Não fica, portanto, limitado à prática da mera participação em fenômenos mediúnicos e sim abrange também a vivência ou prática de hábitos coerentes com a proposta espírita.

Podemos, em consequência, analisar o assunto sob as duas óticas.

No último parágrafo do item XII da Introdução de *O Livro dos Espíritos*², Kardec pondera sobre a questão das mistificações, entre erros e equívocos, como uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Aliás, todo aquele item da citada introdução aborda a questão, referindo-se a uma das dificuldades do intercâmbio mediúmico. E no segundo parágrafo do item XVII da mesma introdução³, já ao final, comenta sobre o fim grande e útil dos estudos espíritas e mesmo do intercâmbio mediúmico: *o do progresso individual e social*. Aí já podemos enquadrar o assunto como uma das dificuldades do *Espiritismo prático* sob o ponto de vista moral. Ou, em outras palavras, o da vivência dos ensinamentos.

Podemos concluir, pois, que o Espiritismo prático não está restrito à prática mediúmica, mas abrange, repetimos, a prática da vivência, muito além da prática mediúmica.

Aí surge, com toda expressão, a importância dos estudos espíritas e dos núcleos inspirados pelo ideal espírita, pois que fomentador dessa autêntica **prática** do Espiritismo. Aliás, o compromisso maior, prioritário, dos grupos espíritas é exatamente ensinar Espiritismo, propi-

ciando estudo e divulgação dos postulados espíritas. E isto de maneira sadia, didática, atraente, motivadora do interesse pelo estudo e vivência do Espiritismo.

Neste ponto, podemos indagar: quais são as dificuldades?

Sob o ponto de vista do intercâmbio mediúmico

Se analisadas do ponto de vista do intercâmbio mediúmico espírita, podemos relacionar a questão da insegurança dos novatos; a ausência do estudo doutrinário – sempre causadora de distorções e absurdos; a indisciplina na prática quanto a horários e assiduidade; a falta de comprometimento com a causa; a rivalidade entre integrantes ou entre grupos; a priorização do fenômeno em detrimento do estudo; o endeusamento de médiuns e dirigentes; a confiança cega nos Espíritos comunicantes; a obsessão; a liderança distorcida; as mistificações; a introdução de práticas estranhas, entre outras tantas dificuldades. Claro que variáveis de grupo para grupo, de médium para médium, e até de região para região. Mas podemos asseverar que sempre fruto da ausência do estudo doutrinário corretamente conduzido.



E onde a solução?

No próprio estudo, em diálogos construtivos de reuniões que visam exatamente esclarecer o participante de reuniões mediúnicas. Para a prática mediúnica este recurso do estudo é insubstituível e *O Livro dos Médiuns* é obra insuperável. Nele se encontram as diretrizes para a correta compreensão e prática do fenômeno. Já na Introdução da monumental obra, Kardec assinala que: **“Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, se originam da ignorância dos princípios desta ciência (...)”**⁴.

Entre capítulos importantes, destacamos aos leitores o capítulo XXIV⁵, que trata da *Identidade dos Espíritos*. Exatamente no item 267 (em 26 princípios) Kardec enumera os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos e no item 268 (em 28 questões), traz perguntas sobre a natureza e a identidade dos Espíritos.

Notem os leitores que este é apenas um dos temas. Existem outras dificuldades que o estudo pode dirimir. Destacamos os itens acima pela importância didática do assunto e que muito pode auxiliar na superação de dificuldades e decepções na prática mediúnica. Sugerimos, pois, ao leitor, com todo empenho, a consulta a essas fontes, pois fica inviável a transcrição neste pequeno espaço.

Também, no capítulo XXVII da mesma obra⁶, que trata *Das Contradições e das Mistificações*, outro tema importante no rol das dificuldades, o estudioso e pesquisador espírita poderá encontrar

muitas respostas. Os itens 299 a 301 oferecem subsídios para troca de muitas idéias e na superação de muitas dificuldades.

Sob o ponto de vista da vivência espírita

Talvez aqui as dificuldades sejam maiores. No item anterior verificamos que o estudo pode superar muitos desses obstáculos. Aqui, porém, surge a questão da modificação interior de cada adepto espírita. É interessante que a postura aqui interfere no assunto tratado no item anterior. Pois é exatamente a carência moral que mantém o orgulho, o egoísmo, a inveja, que muitas vezes podem estar trazendo dificuldades para a prática do intercâmbio propriamente dito.

Mas, sem pensar agora na questão do intercâmbio e sim na fundamental questão da vivência individual e coletiva do ensino espírita, verificamos que as dificuldades também são consideráveis.

Comparecem a inveja, o ciúme, a disputa, a maledicência e outros importantes inimigos da felicidade humana e da paz que se quer construir.

Se analisarmos qualquer instituição e solicitarmos aos presentes numa reunião de avaliação dos problemas que os estejam afetando, descobriremos que no fundo dos problemas estão presentes, com toda a força, o orgulho e o egoísmo. Também a inveja e o ciúme, a imposição de idéias, o autoritarismo, as tentativas de domínio, o desrespeito às diferenças, a ausência de solidariedade. Mas acima de tudo, a ausência da caridade, que segundo Jesus, é a indulgência, a benevo-

lência, o perdão⁷. Sentimentos sempre ausentes onde a irritação, a impaciência, a crítica e demais defeitos morais estão agindo.

É aí que surgem as divisões, as divergências.

É podemos perguntar novamente:

Onde a solução?

Recorramos à obra basilar do Espiritismo: *O Livro dos Espíritos*.

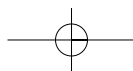
Na Conclusão, item IX, 4^o parágrafo⁸, os Espíritos indicam que as dissidências são mais de forma que de fundo e que os espíritas deverão unir-se no objetivo comum: **“(...) o amor de Deus e a prática do bem (...)”**. E mais: **“(...) o objetivo final é um só: fazer o bem (...)”**. Na mesma Conclusão, no item VII, há ainda a classificação, feita por Kardec, dos verdadeiros adeptos do Espiritismo e que são apresentados **“(...) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral (...)”**.

Conclusão

Verifica-se, portanto, que as dificuldades são oriundas da falta de conhecimento (ausência do estudo) e da falta de vivência prática (ausência do esforço de melhora individual).

O *Espiritismo prático* está portanto muito mais na vivência do comportamento espírita que na prática mediúnica, mas em ambos as dificuldades existem em função das próprias dificuldades humanas em agir coerentemente com a teoria já à disposição.

Na prática mediúnica, quando inventamos ou quando não estudamos criamos dificuldades; na vivên-



cia quando desprezamos o aspecto principal, ou seja, o esforço do auto-aprimoramento moral, criamos as dificuldades todas que aí estão.

Estudando o Espiritismo e esforçando-nos por incorporá-lo ao próprio comportamento será, pois, o caminho de superação das dificuldades do *Espiritismo prático*.

Por tudo isto, a título de conclusão, sugerimos a leitura reflexiva do item 350 (capítulo XXIX da Segunda Parte), de *O Livro dos Médiuns*⁹, onde o Codificador convida as sociedades espíritas, compostas naturalmente dos adeptos do Espiritismo, a se estenderem mãos fraternais e buscarem viver o ideal maior da Doutrina Espírita, ou seja, a vivência da união, da simpatia, da fraternidade recíprocas.

E aí estarão superadas as dificuldades do *Espiritismo prático*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ KARDEC, Allan. *O Que é o Espiritismo*, 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. *Preâmbulo*, p. 50.

² p. 38 da 78ª edição FEB, 1997, Rio (RJ), tradução de Guillon Ribeiro.

³ p. 46 da 78ª edição FEB, 1997, Rio (RJ), tradução de Guillon Ribeiro.

⁴ 70. ed. FEB, 2002, Rio de Janeiro, Introdução p. 13, tradução de Guillon Ribeiro.

⁵ 70. ed. FEB, 2002, Rio de Janeiro, p. 315-337, tradução de Guillon Ribeiro.

⁶ 70. ed. FEB, 2002, Rio de Janeiro, p. 397 a 399, tradução de Guillon Ribeiro.

⁷ Questão 886 de *O Livro dos Espíritos*.

⁸ p. 492 da 82. ed. FEB, 1997, Rio (RJ), tradução de Guillon Ribeiro.

⁹ 70. ed. FEB, 2002, Rio de Janeiro, p. 442, tradução de Guillon Ribeiro. ■

Bom ânimo

Antônio Rubatino

O ambiente do hospital era sufocante.

A visita a um amigo ou parente ou mesmo uma missão fraterna apresenta uma conotação própria. Ir à busca de auxílio para si mesmo, entretanto, é coisa bem diversa, diferente. Assusta. Nossa fé na maioria das vezes é claudicante, tênue, senão ausente.

Naquele dia experimentava, pessoalmente, a contrariedade da situação de enfermo. Era o paciente, internado na busca de melhoria para os males que refletiam no corpo físico. A pressão arterial estava alterada, uma sensação de forte opressão no peito refletia-se por todo o tórax. A cabeça espelhava os reflexos da dificuldade. Um vendaval de pensamentos de rumo incerto.

Em dado momento, recebeu com alento a visita de uma enfermeira. Seu olhar era tranquilizante. Foi logo perguntando:

– *Como está, meu caro?*

Após longos instantes respondeu:

– *Acho que mal.*

– *Mas, por quê? Tenha bom ânimo!*

– *Bom ânimo?*

– *As dificuldades são passageiras!*

– *!?!*

– *Você está sendo muito bem cuidado aqui, não?*

– *Sim... Estou.* – respondeu depois de pensar um pouco.

– *Então?*

– *O problema é comigo mesmo. Alguma coisa me diz que vou desencarnar... Morrer, sabe? Isso está me deixando muito angustiado.*

– *Mas por que meu amigo? Tudo na vida tem um curso tão natural!*

– *Natural? Eu tenho dois filhos para cuidar. E família também.*

– *Você sabe orar?* – perguntou.

– *Sim, sei.*

E logo indagou:

– *Qual é o seu nome?*

– *Alda.*

E, aí, a enfermeira, solícita, voltou a falar:

– *Se importaria se fizéssemos uma oração por você?*

– *Oração? De forma alguma. Pode fazer. Qualquer coisa. O que precisar.*

– *Aguarde um pouco que vou trazer uma amiga. Fique tranquilo. Volto já.*

Foram poucos minutos que pareciam uma longa espera. O mal-estar não deixava margens para confiança. Estava mal mesmo. Precisava de assistência urgente. O futuro incerto parecia cada vez mais presente. Mostrava-se assustado. Aflito.

Foi aí que chegaram duas enfermeiras. Alda e uma outra cujo nome não conseguiu memorizar.



Postaram-se ao redor do leito, de forma silenciosa. Alguém que não pôde precisar quem fora, leu pequeno trecho evangélico: *“Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo.* (Mateus, 11:28-30).

Estranha sensação de paz aposou-se do internado.

Logo a seguir, começaram a orar. Faziam a prece numa linguagem ininteligível. Tentava de todo modo entender o que diziam, mas não conseguia. Entregou-se então. Percebeu que as orações incluíam movimentos suaves de mãos e braços. Sentiu que recebia uma transusão de energias. Um passe? Pensou. Sim. Isso mesmo. Por essa ocasião já era adepto do Espiritismo, mas sem maior convicção. Tangenciara o Espiritismo, mas este não estava, ainda, dentro dele.

As sensações eram tranqüilizadoras. Sentiu um bem-estar indizível. Após a sessão, Alda falou:

– *Pediram-lhe um raio-x, não é?*

– *Sim* – respondeu.

– *Vamos lá ao serviço de radiografias.*

Amparado por aquelas criaturas simpáticas e amigas chegou ao local do exame. Viu que Alda falou alguma coisa. Perguntou o que havia dito. Ela acenou com a cabeça e disse:

– *Nada. É com minha amiga aí.*

Olhou para trás, meio desconfiado.

– *!?!*

Não viu ninguém. Alda também logo desapareceu nos corredores do hospital.

Que pessoa humana, pensou. Uma profissional admirável. Deve ser um orgulho para a categoria. Enaltece o hospital. Valoriza a vida.

...

Logo teve alta. Voltou para casa. Melhorou muito. Sentia-se outro. Muito mais bem-disposto.

Procurou lembrar-se de uma expressão usado por Alda. “Bem animado”? Não. Parecia iniciado com Bom. Isso! “Bom ânimo.”

Resolveu voltar ao hospital para agradecer pelo atendimento que havia recebido. Comprou flores para presentear Alda e sua assistente. Esteve no pavimento onde havia sido atendido. Perguntou pela enfer-

meira. Não estava de plantão. Pediu para identificar quando estaria de novo. Não souberam responder. Indagou na administração para obter telefone, endereço ou informações da escala de trabalho.

– *Quando esteve internado aqui?*

– *Há duas semanas.*

– *Não temos ninguém aqui em nossos quadros com esse nome, senhor.*

– *Tem certeza?*

– *Claro! Estou consultando o cadastro de empregados e colaboradores voluntários.*

...

Não teve mais dúvidas. Seu “bom ânimo” era agora outro. ■

Temos Jesus

Desaba o Velho Mundo em treva densa
E a guerra, como lobo carniceiro,
Ameaça a verdade e humilha a crença,
Nas torturas de um novo cativoiro.

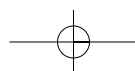
Mas vós, no turbilhão da sombra imensa,
Tendes convosco o Excelso Companheiro,
Que ama o trabalho e esquece a recompensa
No serviço do bem ao mundo inteiro.

Eis que a Terra tem crimes e tiranos,
Ambições, desvarios, desenganos,
Asperzas dos homens da caverna;

Mas vós tendes Jesus em cada dia.
Trabalhem na dor ou na alegria,
Na conquista de luz da Vida Eterna.

Abel Gomes

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além-Túmulo*. 16. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 45. Edição Comemorativa dos 70 anos.





“Sessões Espíritas na Casa Branca”

Inaldo Lacerda Lima

Esse é o nome do livro que acabamos de ler. Adquirimo-lo já há algum tempo e guardamo-lo na *fila* das obras ainda não compulsadas por falta de tempo. Certos incidentes, porém, ocorridos muito recentemente, envolvendo, politicamente, a grande nação americana do Norte, levaram-nos a antecipar a sua leitura. E confessamos que nos surpreendia cada página que íamos virando, ao recordar determinada frase de nosso amigo espiritual Emmanuel, em sua inolvidável obra *A Caminho da Luz*, psicografada por Francisco Cândido Xavier (Ed. FEB). Isso nos encorajou a ler quase de um fôlego *Sessões Espíritas na Casa Branca*.

A frase de Emmanuel é a seguinte, no capítulo XXIV que trata do “Espiritismo e as Grandes Transições”: “(...) Ficarão no mundo os que puderem compreender a lição do amor e da fraternidade sob a égide de Jesus (...)”. E, mais adiante, no mesmo capítulo, esta outra bastante contundente: “*Convenhamos em que o esforço do Espiritismo é quase superior às suas próprias forças, mas o mundo não está*

à disposição dos ditadores terrestres (...)” (grifo nosso em negrito).

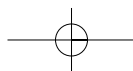
Vale acentuar, todavia, o que diz o Espírito Emmanuel, no capítulo XX ainda de seu *A Caminho da Luz*, sob o título “Missão da América”. Vejamos como nos fala aquele mentor espiritual de nosso saudoso Chico Xavier, pois fazemos questão de transcrever os dois trechos que pretendemos comentar em relação à obra que intitula este artigo, em face de sua profundidade consoladora:

“O Cristo localiza, então, na América as suas fecundas esperanças (...).

“(...) Nesse campo de lutas novas e regeneradoras, todos os espíritos de boa vontade poderiam trabalhar pelo advento da paz e da fraternidade do futuro humano, e foi por isso que, laborando para os séculos porvindouros, definiram o papel de cada região no continente, localizando o cérebro da nova civilização no ponto onde hoje se alinham os Estados Unidos da América do Norte, e o seu coração nas extensões da terra farta e acolhedora onde floresce o Brasil, na América do Sul. Os primeiros guardam os poderes materiais; o segundo detém as primícias dos poderes espirituais, destinadas à civilização planetária do futuro” (grifos nossos em negrito).

Decidimos, então, quase por um impulso inspirativo da consciência, ler de um fôlego *Sessões Espíritas na Casa Branca*, impresso já em sua 2ª edição pela Casa Editora O Clarim, do Centro Espírita “Amantes da Pobreza”, de Matão (SP). A obra é escrita por Nettie Colburn Maynard e Wallace Leal V. Rodrigues. O primeiro autor, a extraordinária médium que acompanhou de perto as atividades espíritas do Presidente Lincoln e de sua esposa, também médium, Srª Mary Lincoln.

Inicialmente, o livro enfoca a missão de Abraham Lincoln, como 16º Presidente dos Estados Unidos, e o que o levou, como espírita consciente, a realizar sessões espíritas na Casa Presidencial daquela nação; e como, sem curso superior e filho de um lenhador, órfão de mãe aos nove anos, conseguiu ser um dos maiores advogados de seu tempo e atingir, por sua fama jurídica, o ponto mais elevado da administração daquele país! A autora, médium inconsciente, participando de trabalhos psíquicos na Casa Branca junto à médium Mary Lincoln, narra-nos fatos notáveis ocorridos na fase mais difícil daquela Presidência, que foi a *Guerra de Secessão* promovida pelos Estados do Sul contra a emancipação dos escravos pelo Presidente Lincoln, com a pre-





visão de seu assassinato; e decisão política, essa sob orientação espiritual, de prosseguir em sua luta pela emancipação. Vale salientar a preocupação do grande Presidente americano em não se afastar daqueles sublimes propósitos, mesmo com risco da própria vida.

Na segunda parte da obra, passamos a conhecer os elevados sentimentos do primeiro Presidente dos Estados Unidos, na pessoa de George Washington, também médium ele próprio, de uma vidência fora do comum, pela qual os Espíritos faziam desdobrar-se diante de seus olhos o futuro daquela grande nação americana, tal como muitos anos depois Emmanuel nos faria ver, em sua preciosa obra através da mediunidade ímpar de Francisco Cândido Xavier.

É com certa tristeza que testemunhamos, vez por outra, justamente na fase talvez mais crucial da atual História deste planeta, a manifestação de um que outro companheiro espírita contra aquele país, fazendo eco com certos *pensadores* inconformados de nossos dias, na área socioeconômica, como se desconsiderassem – tais confrades – a necessidade de refletir sobre os fatos, menos na condição de políticos (se porventura o são) e mais na de espíritas de que se fizeram voluntariamente revestir na sublime missão de colaboradores do Cristo no campo da Doutrina-Luz, procurando compreender o que efetivamente se passa na ordem evolutiva de nosso Orbe, no que tange à política internacional, nesta atual e complicadíssima conjuntura, quando a função do trabalhador espírita deve ser a da oração.

Verificamos que essa obra faz

revelações que nenhum colaborador espírita do Cristo deve ignorar, até mesmo a respeito de outros presidentes daquele país, como Woodrow Wilson – 27º Presidente; Franklin Delano Roosevelt – 31º Presidente, e outros mais, cujos nomes deixamos a critério do leitor pesquisar e refletir.

Num modesto artigo de humilde filósofo e poeta espírita não cabe dizer mais, dado que o seu objetivo é apenas contribuir no sentido de que nossos irmãos de Doutrina Espírita se possam valer de conhecimentos fundamentais que nos permitam pelo menos compreender as crises que vêm envolvendo o mundo dos homens, e entenderem que o Planeta está em fase de mu-

dança. Não a mudança esperada, em sonhos, pelos que adormecem baloiçados pelas canções de ninar do egoísmo. Mas aquela mudança que está prevista para os que podem entender certas expressões do Cristo, em seu Sermão da Montanha, e nos capítulos 13, 24 e 25 do evangelista Mateus, sem esquecermos, atentamente, de tudo o que se encontra registrado nos capítulos 14, 15 e 16 do evangelista João.

Para concluir, enfatizamos que não vemos, nós outros, espíritas, nos instantes críticos por que está passando a Terra, outra postura senão a da oração, numa conduta plenamente evangélica, em favor do que o Cristo pretende tornar cérebro e coração do mundo!... ■

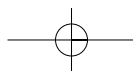
Hernani Guimarães Andrade (Desencarnação)

Desencarnou no dia 25 de abril, em Bauru (SP), onde residia, o Dr. Hernani Guimarães Andrade, eminente cientista espírita, de renome internacional, que dedicou sua vida à pesquisa do que seja o Espírito na sua realidade e essencialidade. A primeira obra por ele publicada, em 1958, foi a *Teoria Corpuscular do Espírito*, seguida de *Novos Rumos à Experimentação Psíquica*, em 1960, e por cerca de uma dezena de outras, de cunho científico, mas embasadas no pensamento espírita, sendo a mais recente – *Você e a Reencarnação* – lançada em 2002 pela Editora

CEAC, de Bauru. Fundou na capital paulista o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), em 13 de dezembro de 1963.

Na data de sua desencarnação, já circulava a edição de maio de *Reformador*, com a importante entrevista que nos concedeu sobre *Doutrina Espírita e Ciência*.

A Federação Espírita Brasileira externou sua solidariedade à Família do Dr. Hernani, em seu retorno à vida espiritual, e foi representada, no velório e sepultamento de seu corpo físico, através da USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. ■





Corpo e Alma

Washington Borges de Souza

O homem é um ser dual formado de seu corpo físico e do elemento espiritual.

As religiões, em geral, se fundamentam na existência de Deus e da alma. A Doutrina Espírita acresce que a alma ou Espírito se liga ao corpo somático por meio de um elemento fluídico denominado perispírito e originado do fluido universal, do qual provêm todas as coisas mediante inumeráveis transformações a que se presta.

Os materialistas se opõem a tais conceitos, formando o conjunto dos ateus e niilistas, para os quais tudo não é senão matéria, mais ou menos densa, negando, enfaticamente, a existência do que não possa ser verificado e comprovado pelos meios e recursos de que dispõe a Ciência tradicional. Para eles, os negativistas, nada existe além da matéria e a própria vida é uma força oriunda da mesma matéria. A insensibilidade, inconsciência e insensatez dos materialistas os tornam incapazes de explicar a origem dos pensamentos, do raciocínio, do senso moral, da inteligência e de muitas outras manifestações que, logicamente, só podem proceder da alma e de nenhum modo da matéria.

O materialista convicto tem a mente tão insensível que não con-

segue imaginar a origem de alguns poderes da Natureza tais como o magnetismo, a eletricidade, etc. Também não concebe que a vitalidade dos seres vivos provém do princípio vital reinante no Universo que se une à matéria para daí resultar a vida.

As religiões constituem obstáculos à expansão das idéias materialistas e suas nefastas conseqüências, as quais retardam o progresso moral da criatura.

**A compreensão
da necessidade
do progresso moral
dá à alma ânimo
para vencer as
dificuldades
de toda ordem**

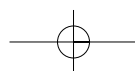
A Doutrina Espírita expõe aos homens a realidade da vida em outra dimensão. Enquanto o materialismo se vê atado e limitado à observação dos efeitos, o Espiritismo aprofunda o conhecimento dos fatos e remonta às causas, às origens dos fenômenos que dizem respeito às coisas e aos seres. Ensina a duali-

dade da natureza humana, a física e a espiritual, esclarecendo que em todo o Universo existem leis sábias e inteligentes de ordem física e moral que são facilmente percebidas e que tudo regem. Tudo é obra da Divina Providência, mas o incrédulo, ao negar a existência de Deus, se rebaixa. É um mero indigente necessitado de comiseração e de auxílio.

O Espírito é o elemento imortal e inteligente do ser humano integral e se destina a sucessivas reencarnações para alcançar o progresso, enquanto que o corpo físico é o instrumento para atingir esse objetivo e através do qual o Espírito se aperfeiçoa, progride, se sujeita a variadas provas, provações e expiações até superar as imperfeições e se aprimorar, adquirindo sabedoria e tornando-se bondoso, condições para que seja feliz.

A natureza física da pessoa exerce influência sobre a espiritual, mas, quanto mais se acentua a evolução da alma menos influência sofre da matéria densa e mais capacitada estará para se sobrepor às vicissitudes, às dores, aos sofrimentos, às doenças. A compreensão da necessidade do progresso moral dá à alma ânimo para vencer as dificuldades de toda ordem, mesmo as impostas pelo envelhecimento do seu próprio corpo físico, em razão da consciência da transitoriedade da vida encarnada.

O ateu, enquanto lhe vicejam esperanças de conquistas efêmeras, age e se agita, mas, quando sente





que lhe faltam as forças que impulsionam suas ilusões e não há mais espaço para os sonhos, queda-se no caminho sob o peso de frustrações e desenganos.

A Doutrina Espírita dá ao adepto sincero e consciencioso a certeza da vida que estua após fene- cer o corpo físico e faculta-lhe não ter pavor da morte, ser resignado diante das vicissitudes e indulgente. Ensina-lhe a contentar-se com o necessário, a ser fraterno, a respeitar o direito alheio e a resguardar a justiça, além de inumeráveis outros benefícios e conquistas que enobrecem a alma e dignificam a existência.

O Espiritismo tem imensa relevância para a pessoa que dele se aproxima e que conscientemente se disponha a examiná-lo à luz da razão e com bons propósitos, porque ele esclarece, consola, enriquece a vida, domina, direciona e equilibra as emoções. Constitui defesa natural e eficaz contra as nefastas incur- sões obsessivas, a prática de ações insensatas, as síndromes e fobias, e contra a tristeza e o desânimo que abatem as criaturas.

Muitas vezes, preocupações e estados doentios da alma refletem- se no corpo somático, causando- -lhe enfermidades e padecimentos.

A Terra, mundo de provas e ex- plicações, é farta de criaturas imper- feitas, repleta de angústias. A Dou- trina Espírita foi trazida ao solo terreno para dar continuidade à Doutrina Cristã. É o bálsamo con- solador prometido por Jesus para mudar esse quadro sombrio, amen- izar as dores e sofrimentos, curar as enfermidades da alma e plantar na Terra e nos corações a esperança, a fé em Deus, para uma vida me- lhor. ■

A que viemos?

Jaqueline S. L. Fonseca

“Não te mortifiques pela obtenção do ensejo de aparecer nos cartazes enormes do mundo. Isso pode traduzir muita dificuldade e perturbação para teu espírito, agora ou depois.”

Emmanuel¹

Em uma manhã de domingo, assistíamos na TV à entrevista de uma palestrante que abordava em suas preleções como nos poderíamos sentir felizes no trabalho. E disse na oportunidade que a felicidade na vida profissional está diretamente ligada ao “talento” – palavra por ela utilizada – que cada um de nós tem a desenvolver. Disse, ainda, que esse “talento” nasce conosco e seriam as potencialidades que temos a cultivar, para que nos sintamos realizados não somente no âmbito profissional, mas também pessoalmente.

Uma grande curiosidade da matéria foi um comentário feito pela palestrante, que nos deixou deveras pensativos. A interlocutora indagou: – O que você faria com imenso prazer e alegria, mesmo se acordado durante a madrugada? Disse, também, que hoje em dia nós não extraímos de nossos filhos o que eles realmente gostariam de ser. Nós somente os colocamos nas

melhores escolas, onde eles recebem um sem-número de informa- ções, as quais não sabem onde e nem como empregarão. E, com isso, acabam confusos e tendem a er- rar na escolha profissional, o que repercutiria em toda sua vida pes- soal (insatisfação, tédio, ressentimentos, frustrações, reclamações constantes).

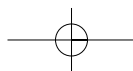
Passamos todo o dia comentando as colocações da entrevistada. Momentos antes do culto semanal do Evangelho em nosso lar, ainda refletindo sobre o que ouvimos na- quella manhã, abrimos *O Livro dos Espíritos*, “ao acaso”, no capítulo X, da Parte 2ª, que trata das ocupações e missões dos Espíritos. Então, pas- samos a tecer algumas considera- ções, embasando-nos na “história do talento”, acerca da missão que nos cumpre realizar na nossa roma- gem carnal.

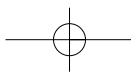
Os Espíritos reveladores, na resposta à questão 573, dizem que “(...) as missões (...) são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão no- bre missão, como o que governa, ou o que instrui. (...) *Cada um tem neste mundo a sua missão, porque todos podem ter alguma utilidade*”² (grifo nosso).

Daí, poderíamos analisar aque- le “talento” como se fosse nossa missão – são as nossas potencialida-

¹ XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de Luz*. Pelo Espírito Emmanuel, cap. 38, 14. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 88.

² KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 4. ed. de bolso. Rio de Janeiro: FEB, 1998.





des a serem desenvolvidas nesta encarnação, aquilo que “nasce conosco”, que podemos extrair das crianças e ajudá-las a se prepararem para alcançar o objetivo da sua estada na Terra. Em suma, aquilo que faríamos com alegria, porque é o nosso comprometimento conosco mesmos para que nos tornemos melhores, mais responsáveis, mais equilibrados, mais felizes. Ainda que sem relevância social.

Entretanto, as dificuldades da vida material e o culto exacerbado da posse, que a nossa sociedade incute em nossas crianças e adolescentes, por vezes, fazem com que eles, na vida adulta, se desviem daquilo a que se programaram na Vida Maior.

Como conseqüência, vemos muitos irmãos completamente insatisfeitos, porque desviados do que lhes cumpria realizar. Conforme encontramos na questão 578, onde Kardec indaga aos Espíritos da Codificação:

– *Poderá o Espírito, por própria culpa, falir na sua missão?*

“Sim, se não for um Espírito superior.”

Ora, a maior parte de nós não é superior, tanto que estamos encarnados num orbe de reajustamento para com as leis eternas. Portanto, quando muito, na maior parte das vezes, poderíamos dizer, suscetíveis de falir naquilo que nos cumpria realizar. Principalmente se buscamos sempre destaque e relevância social, esquecendo-nos de que as tarefas do anonimato são extremamente importantes...

A constante busca das facilidades financeiras e do destaque social enceguece momentaneamente o Espírito, que não consegue auscultar

a si próprio, confundindo-se nas escolhas que faz na vida, até mesmo na escolha profissional. Por isso tantos jovens fazendo orientação vocacional. Palmas para a palestrante, que falou em deixarmos nossos filhos se manifestarem sobre suas preferências. Quando criança, nossas faculdades espirituais ainda não estão abafadas pela carne como quando completamos o estágio encarnatório, na adolescência, assumindo nossas dificuldades que trazemos do passado.

Entretanto, se passamos toda a infância ouvindo falar em dinheiro, observando os pais falarem com mau gosto de trabalho, ouvindo que faculdade é coisa necessária para ganhar-se melhor, formamos, subliminarmente, em nossos filhos, a imagem de que estudo e trabalho têm o único fim de trazer-nos dinheiro. Contudo, o maior objetivo de trabalharmos é sermos úteis para outrem, ocupar nossas vidas com algo de positivo, exercitar responsabilidade, boa vontade, paciência. E não conseguimos exercitar qualidades nobres quando estamos com dificuldade, até mesmo em aceitar o trabalho que estamos realizando.

O que nos tem faltado no momento da escolha profissional é parar para nos ouvir. E principalmente, nos conhecer, respeitar nossos próprios limites, fazermos-nos respeitados nas nossas escolhas. Porque todos nós somos peças importantíssimas de uma grande engrenagem que é a vida na Terra, e todos nós colaboramos ativamente para que esse maquinário avance com propriedade, o que resultará, então, na Regeneração do Orbe. Todos temos responsabilidade nesta transformação.

Sempre é tempo de recomeçar.

Sempre é tempo de nos questionarmos a que viemos, de ouvirmos lá no fundo a voz da lucidez espiritual que todos temos em gérmen, para que possamos, então, transformar nosso passado de erros em um futuro de esperança e iluminação interior. E com muita alegria em poder servir. ■

Culto doméstico

Quando o culto do Evangelho
Brilha no centro do lar,
A luta de cada dia
Começa a santificar.

Onde a língua tresloucada
Dilacera e calunia,
Brotam flores luminosas
De sacrossanta alegria.

No lugar em que a mentira
Faz guerra de incompreensão,
A verdade estabelece
O império do amor cristão.

Onde a ira ruge e morde,
Qual rude e invisível fera,
Surge o silêncio amoroso
Que entende, respeita e espera.

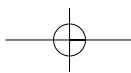
A mente dos aprendizes
Bebe luz, em pleno ar.
Todos disputam contentes
A glória de auxiliar.

À bênção do culto aberto,
Na divina diretriz,
Conversa Jesus com todos
E a casa vive feliz.

Quem traz a igreja consigo,
Combatendo a treva e o mal,
Encontra a porta sublime
Do Reino Celestial.

Casemiro Cunha

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido.
Gotas de Luz. 6. ed., Rio de Janeiro:
FEB, 1994, cap. 7, p. 21-22.



A FEB E O ESPERANTO

A Gênese, de Allan Kardec, em Esperanto

Affonso Soares

Há cerca de 4 anos tivemos a honra e a alegria de participar de um grupo de trabalho, sob o patrocínio do “Lar Fabiano de Cristo”, cujo principal objetivo era incrementar o Esperanto nos círculos espíritas do Exterior filiados ao Conselho Espírita Internacional (CEI).

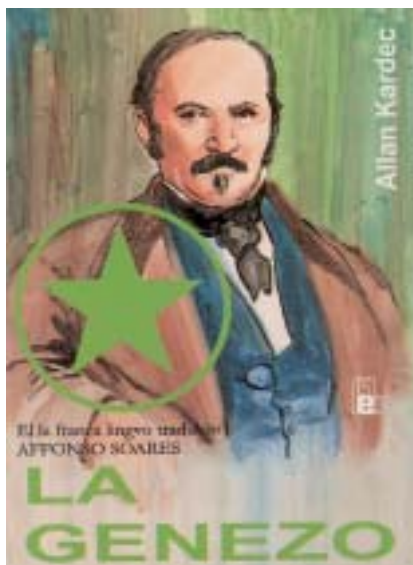
Muitas sementes generosas surgiram dos esforços daqueles valerosos companheiros que, sob a direção do Cel. César Soares dos Reis, reuniam-se periodicamente nas dependências daquela operosa Instituição, no Rio de Janeiro.

Lançadas na terra dos corações, essas sementes agora aguardam o tempo favorável à germinação, e suas frutificações prepararão novas etapas conducentes ao objetivo colimado, isto é, à adoção do Esperanto como língua para as relações internacionais dos membros da crescente família espírita mundial.

Um dos compromissos firmados no clima daqueles agradáveis e fecundos encontros foi o de que se vertesse para o Esperanto a obra *A Gênese*, de Allan Kardec, o único livro da Codificação que ainda não havia sido traduzido para a Língua Internacional Neutra.

Recebemos a incumbência com

emoção, pusemos mãos à obra e, com o auxílio dos amorosos guias espirituais, pudemos cumprir a honrosa tarefa, agora integralmente concluída com o lançamento do livro *La Genezo*, editado pela Federação Espírita Brasileira (FEB), também responsável pela publicação das outras traduções para o Esperanto de obras de Allan Kardec.



Mas não redigiríamos esta nota apenas para informar o leitor sobre o auspicioso evento. Na condição de espírita-esperantista, queremos *apelar* para a generosidade de todos os nossos companheiros do ideal EEE (Evangelho, Espiritismo, Esperanto), espalhados por nosso imenso Brasil, bem como aos não espíritas amigos do Esperanto, no sentido

de que adquiram pelo menos um exemplar desse novo lançamento da FEB, assim colaborando com a Casa de Ismael para que sejam minimizados os custos de um empreendimento que, se por um lado possibilita investimento espiritual de grande alcance, por outro também impõe grandes gastos materiais.

A Federação determinou a tiragem mínima de mil exemplares, ideal para edições em Esperanto. Se todos os esperantistas – espíritas e não espíritas – adquirirem pelo menos um exemplar, a porcentagem de venda atingirá um nível que certamente constituirá sólido incentivo a que se possa sempre sustentar um programa editorial que visa não somente à edição de obras doutrinárias vertidas para o Esperanto, mas também à disponibilização, aos esperantistas em geral, de rico material para o aprendizado e a prática do idioma, tais como manuais, dicionários e antologias.

Fazendo a pequena parte que nos cabe, teremos assegurado firme fundamento à construção que, no futuro, fará irradiar por todo o Planeta a luz da solidariedade, da tolerância, da fraternidade, da justiça entre os povos, princípios comuns aos ideários do Evangelho, do Espiritismo e do Esperanto.

Fonte: *Boletim SEI*, nº 1.823, de 8 de março de 2003. ■

PRESENÇA DE CHICO XAVIER

O Grande Educandário

De portas abertas à glória do ensino, a Terra, nas linhas da atividade carnal, é, realmente, uma universidade sublime, funcionando, em vários cursos e disciplinas, com dois bilhões* de alunos, aproximadamente, matriculados nas várias raças e nações.

Mais de vinte bilhões de almas conscientes, desencarnadas, sem nos reportarmos aos bilhões de inteligências subhumanas que são aproveitadas nos múltiplos serviços do progresso planetário, cercam o domicílio terrestre, demorando-se noutras faixas de evolução.

Para a maioria dessas criaturas, necessitadas de experiência nova e mais ampla, a reencarnação não é somente um impositivo natural mas também um prêmio pelo ensino de aprendizagem.

Assim é que, sob a iluminada supervisão das Inteligências Divinas, cada povo, no passado ou no presente, constitui uma seção preparatória da Humanidade, à frente do porvir.

Ontem, aprendíamos a ciência no Egito, a espiritualidade na Índia, o comércio na Fenícia, a revelação em Jerusalém, o direito em Roma e

* Em 1952, ano da publicação do livro; hoje são 6 bilhões de habitantes (N.R.).

a filosofia na Grécia. Hoje, adquirimos a educação na Inglaterra, a arte na Itália, a paciência na China, a técnica industrial na Alemanha, o respeito à liberdade na Suíça e a renovação espiritual nas Américas.

Cada nação possui tarefa específica no aprimoramento do mundo. E ainda mesmo quando os blocos raciais, em desvario, se desmandam na guerra, movimentam-se à procura de valores novos no próprio engrandecimento.

Nos círculos do Planeta, vemos as mais primitivas comunidades dirigindo-se para as grandes aquisições culturais.

Se é verdade que a civilização refinada de hoje voa, pelo mundo, contornando-o em algumas horas, caracterizando-se pelos mais altos primores da inteligência, possuímos milhões de irmãos pela forma, infinitamente distantes do mundo moral. Quase nada diferindo dos irracionais, não conseguiram ainda fixar a mínima noção de responsabilidade.

Os anões docos da Abissínia, sem qualquer vestuário e pronunciando gritos estranhos à guisa de linguagem, mais se assemelham aos macacos.

Os nossos irmãos negros de Kytches passam os dias estirados no chão, à espera de ratos com que possam mitigar a própria fome.

Entre grande parte dos africanos orientais, não existe ligação moral entre pais e filhos.

Os latucas, no interior da África, não conhecem qualquer sentimento de compaixão ou dever.

Remanescentes dos primitivos habitantes das Filipinas erram nas montanhas, à maneira de animais indomesticáveis.

E, não longe de nós, os boto-cudos, entregues à caça e à pesca, são exemplares terríveis de bruteza e ferocidade.

No imenso educandário, há tarefas múltiplas e urgentes para todos os que aprendem que a vida é movimento, progresso, ascensão.

Na fé religiosa como na administração dos patrimônios públicos, na arte tanto quanto na indústria, nas obras de instrução como nas ciências agrícolas, a individualidade encontra vastíssimo campo de ação, com dilatados recursos de evidenciar-se.

O trabalho é a escada divina de acesso aos lauréis imarcescíveis do espírito.

Ninguém precisa pedir transferência para Júpiter ou Saturno, a fim de colaborar na criação de novos céus. A Terra, nossa casa e nossa oficina, em plena paisagem cósmica, espera por nós, a fim de que a convertamos em glorioso paraíso.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*, 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, cap. 9, p. 43-45. ■

FEB/CFN – COMISSÕES REGIONAIS

Reunião da Comissão Regional Nordeste



Abertura: Mesa formada por representantes da FEB e das Federativas: a Presidente da FEMAR saúda os visitantes

A Comissão Regional Nordeste do Conselho Federativo Nacional realizou sua Reunião Ordinária de 2003 em São Luís (MA), no período de 11 a 13 de abril, com a presença de 122 integrantes das nove Federativas Estaduais da Região: Federação Espírita do Estado de Alagoas (8 pessoas), Federação Espírita do Estado da Bahia (5), Federação Espírita do Estado do Ceará (12), Federação Espírita do Maranhão (56), Federação Espírita Paraibana (6), Federação Espírita Pernambucana (7), Federação Espírita Piauiense (13), Federação Espírita do Rio Grande do Norte (7), Federação Espírita do Estado de Sergipe (8). A FEB compareceu com o Presidente e mais 15 integrantes.

Reunião Geral

A Reunião Geral teve início na noite de sexta-feira, dia 11, com a prece de abertura e a saudação aos visitantes pela Presidente da Federa-

ção Espírita do Maranhão, Ana Luiza Nazareno Ferreira, como anfitriã do evento. O Coordenador das Comissões Regionais concedeu a palavra ao Presidente da FEB, Nestor João Masotti, para sua mensagem; prestou esclarecimentos sobre a pauta dos trabalhos e convidou os dirigentes das Federativas a apresentarem os membros de suas equipes. A Reunião Geral foi interrompida, tendo começo as reuniões setoriais dos Dirigentes e das Áreas Específicas: Atividade Mediúnic, Comunicação Social Espírita, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Infância e Juventude, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, Atendimento Espiritual no Centro Espírita (desdobrada, a partir deste ano, da Atividade Mediúnic).

Reunião dos Dirigentes

Esta reunião contou com os seguintes participantes: pela FEB – Nestor João Masotti (Presidente), Altivo Ferreira (Coordenador), Fran-

cisco Bispo dos Anjos (Secretário) e Antonio Cesar Perri de Carvalho (Assessor); pelas Federativas Estaduais, os seguintes Presidentes e Representantes: Alagoas, Sebastião Geraldo da Silva; Bahia, Creuza Santos Lage; Ceará, Olga Lúcia Espíndola Freire Maia; Maranhão, Ana Luiza Nazareno Ferreira; Paraíba, José Raimundo de Lima; Pernambuco, Sônia Maria Arruda Fonseca; Piauí, Ornálio Bezerra Monteiro; Rio Grande do Norte, Armando Tomaz; Sergipe, Raimundo Gregório; estiveram presentes, também, diversos assessores.

Foi feita, inicialmente, por Antonio Cesar Perri de Carvalho, Assessor da Secretaria Geral do CFN, a exposição sobre a capacitação administrativa dos dirigentes espíritas, de que resultou, no decurso dos trabalhos, a formação de três pólos, na Região, para a realização do curso “Capacitação Administrativa para Gestão de Casas Espíritas”, como segue: Pólo Paraíba/Pernambuco/Rio Grande do Norte, com sede

em Paraíba (12-13/7/03); Pólo Alagoas/Bahia/Sergipe, com sede em Sergipe (23-24/8/03); e Pólo Ceará/Maranhão/Piauí, com sede em Piauí (30-31/8/03).

Passando-se ao assunto da reunião, a Comissão nomeada no ano anterior para elaborar o Anteprojeto “Ação da Casa Espírita ante os avanços e necessidades espirituais do homem” apresentou e leu o documento que preparara, o qual foi amplamente debatido, emendado e aprovado como Projeto para aplicação pelas Federativas junto às Casas Espíritas. Os dirigentes relataram as atividades de suas Instituições relacionadas com esse assunto.

A próxima Reunião será realizada em Fortaleza (CE), no período de 16 a 18 de abril de 2004, e continuará tratando do mesmo assunto – “Ação da Casa Espírita ante os avanços e necessidades espirituais do homem” –, com vistas à avaliação das experiências colhidas com a aplicação do Projeto.

Sessão Plenária

Reiniciada a Reunião Geral na manhã de domingo (dia 13), foram apresentados os relatos dos trabalhos desenvolvidos nas reuniões setoriais, como segue:

Área da Atividade Mediúnica, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com o apoio de Edna Fabro. Assunto da reunião: “Integração do Trabalhador da Atividade Mediúnica em todas as áreas da Casa Espírita: a) Planejamento e estratégias: integrar para interagir; b) Dinâmica de integração e de interação.” Assunto para a próxima reunião: “A Prática Mediúnica: 1. Qualificação do trabalhador do

grupo mediúnico; 2. Organização e funcionamento do grupo mediúnico (tipos, funções, estruturas); 3. Comunicação dos Espíritos: a equipe encarnada, a equipe espiritual, o diálogo com os Espíritos; 4. Avaliação da prática mediúnica.”

Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba, com o apoio de Jorge Godinho Barreto Nery. Assunto da reunião: “Comunicação integrada: estratégias aplicáveis à divulgação da Doutrina Espírita.” Assunto para a próxima reunião: “Planejamento estratégico na Comunicação integrada.”

Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Maria Túlia Bertoni, com o apoio de Elzio Antonio Cornélio. Assuntos da reunião: “a) Exame da proposta temática para o II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE, a ser realizado em julho de 2003; b) Censo 2003.” Assuntos para a próxima reunião: “1. Avaliação do II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE; 2. Estudo do Manual de Organização e Funcionamento do ESDE.”

Área da Infância e Juventude, coordenada por Rute Vieira Ribeiro, com o apoio de Miriam Lúcia Dusí. Assunto da reunião: “Relacionamento do DIJ com a Diretoria e Departamentos da Federativa e das Casas Espíritas para um trabalho mais cooperativo.” Assunto para a próxima reunião: “O papel do DIJ no Movimento Espírita.”

Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira, com o apoio de Maria de Lourdes Pereira de Oliveira. Assunto da reunião: “O Espaço de Convivência como instrumento do SAPSE

(experiências das Federativas: A família do assistido; Formação e integração no grupo de assistidos; Entrosamento do SAPSE com os demais setores da Casa Espírita.” Assuntos para a próxima reunião: “1. As políticas públicas e a Assistência e Promoção Social Espírita; 2. A interação do SAPSE e o Terceiro Setor; 3. Experiências das Federativas no Controle Social (Conselhos de Direito).”

Área do Atendimento Espiritual no Centro Espírita, coordenada em parceria por Umberto Ferreira e Maria Euny Herrera Massotti. Assuntos da reunião: “1. Análise da Reunião de Assistência Espiritual – Item IV de ‘Orientação ao Centro Espírita’; 2. Análise do Culto do Evangelho no Lar – Item XI de ‘Orientação ao Centro Espírita’.” Assunto para a próxima reunião: “Elaboração de um curso de ‘Preparação de Trabalhadores Multiplicadores do Atendimento Espiritual’.”

Reunião dos Dirigentes. O relato sobre os trabalhos foi feito pelo Secretário da Comissão, Francisco Bispo dos Anjos.

No encerramento da Reunião, foi concedida a palavra aos Dirigentes para suas impressões finais e despedidas, havendo, em todos os pronunciamentos, os cumprimentos pela excelente acolhida por parte da Federativa anfitriã. Em clima de muita emoção, a Presidente da FEMAR agradeceu aquelas manifestações de carinho e apresentou a sua equipe de colaboradores. O Coordenador manifestou-se em nome da delegação da FEB. A prece final foi proferida pela Presidente da FEEC, anfitriã da próxima Reunião. ■



O homem e a religião

Eurípedes Kühl

— | —

Estaremos trazendo para os leitores deste espaço alguns resumos históricos sobre o Espiritismo. Antes, faremos uma rápida reflexão sobre *como* e *quando* se iniciou o sentimento religioso na Humanidade, até chegarmos à Codificação da Doutrina dos Espíritos, por Allan Kardec, no século XIX.

8000 a.C.

Supõem os historiadores, sem condições de confirmá-lo, que a crença no poder celestial teria surgido por volta do ano 8.000 a.C. A cada fenômeno da Natureza criava-se um deus; igualmente, a cada atividade humana; depois, até mesmo os animais passaram a ser endeusados, sempre em linguagem simbólica.

Com o tempo, acoplando a data e a hora do nascimento à posição das estrelas, estabeleceu-se o horóscopo, dividindo-se a trajetória aparente do Sol em doze partes, cada uma com 30°. No horóscopo, o interesse pelo futuro era (como ainda é) estritamente individual.

Por séculos e séculos a Humanidade viveu sob o politeísmo original, comandada pelos deuses:

– da Natureza: para o raio, o relâmpago, o trovão, a chuva, o vento, o vulcão, etc.;

– dos atos humanos: para a caça, a pesca, a plantação, a colheita, a guerra, a cura de doenças, o nascimento, a morte, etc.;

– dos animais: para a íbis, o crocodilo, o gato, o boi, etc.

Os Profetas

Depois, vieram os Profetas...

Sobrepuseram eles às diversas crenças, a comunicação direta com Deus, segundo acreditavam. As profecias, todas, visavam o *bem coletivo*.

As Religiões

Espíritos missionários aportaram no Planeta, com a incumbência de fundarem as religiões, que se reportariam (como se reportaram) ao estágio evolutivo de cada época.

Todos esses Espíritos, sem exceção, trouxeram luzes para o futuro dos povos de então.

Focalizando agora nosso olhar na história das religiões, iremos sempre encontrar uma hierarquia social, induzindo os adeptos (promovidos a *fiéis*) – o povo, a rigor – à disciplina e submissão às classes dominantes. Isso, desde os imemoriais tempos do Egito, da Babilônia (país da Ásia antiga), Assíria e Roma. Assim, unindo equivocadamente o Céu à Terra, muitos *fiéis*, desde há muito tempo, crêem poder alcançar *bens individuais* em troca de sacrifícios, oferendas ou promessas outras.

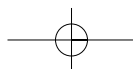
Jesus

O Cristo (ungido) de Deus, legou à Humanidade o tesouro da Fé, por ter sido o maior dispensador do Amor, de todos os tempos. Falou ao mundo do Reino de Deus, intangível e intocável na crença dos povos de então, arrastando milhões e milhões de Espíritos ao patamar em que reside a Esperança. Suas palavras, de duração eterna, tiveram, têm e terão o inigualável efeito de iluminar trevas externas e internas da mente. Necessário, apenas, ter “olhos para ver” e “ouvidos para ouvir”. Não criou nenhuma religião. Não deixou dogmas.

A moral cristã, da primeira à última instância, fundamenta-se na Lei do Amor – amor a Deus e ao próximo. Por isso, podemos dizer que Jesus é a maior de todas as incontáveis benesses que Deus, desde sempre, dispensa à Humanidade.

— || —

Em prosseguimento ao que escrevemos no artigo I, supra, estaremos agora dando um rápido mergulho no passado da civilização, com o olhar voltado para o surgimento das religiões. Nosso objetivo é chegar ao Espiritismo, caracterizando-o e às suas não pou-





cas diferenças com o Candomblé e a Umbanda. Respeitáveis os três. Mas diferentes entre si!

Vejamos o que a História registrou e o mundo de hoje nos mostra, quanto à relação criatura-Criador, filho-Pai, homem-Deus:

– Judaísmo:

Fundado no Oriente Médio pelo patriarca Abraão, por volta do séc. XVII a.C. O legislador de Israel foi Moisés. Para os judeus a Bíblia é formada unicamente pelos livros hebraicos e corresponde essencialmente ao Antigo Testamento dos cristãos. O Judaísmo se fortaleceu ainda mais com a criação do Estado de Israel, em 1948. Possui fortes características étnicas, nas quais nação e religião se mesclam. O Judaísmo é reconhecido como a primeira religião monoteísta da Humanidade e cronologicamente a primeira das três religiões oriundas de Abraão, com o *Cristianismo* e o *Islamismo*. Adeptos: cerca de 14 milhões.

– Hinduísmo (Bramanismo):

Principal religião da Índia. Caracteriza-se pelo sistema de castas. Sucedeu ao Vedismo (religião primitiva conhecida por quatro coleções de hinos – os Vedas –, entre 1400 a.C. e o séc. VII a.C.). Reconhece a autoridade dos Vedas. O ser humano está sujeito ao *samsara* (sucessão de vidas e renascimento), regido pela lei do *karma* (ação e reação de toda ação, boa ou má). Posteriormente, incorporou o ideal de renúncia do *Budismo*. Adeptos: 811 milhões.

– Confucionismo:

Data do séc. V a.C. Foi uma tentativa de estabelecer regras de

comportamento, numa agitada época do mundo chinês, onde vários principados se destruíam mutuamente. Respeito aos mais velhos, amor ao trabalho bem executado, moral severa – eis os traços do Confucionismo. Adeptos: cerca de 6,2 milhões.

– Budismo:

Religião nascida na Ásia, fundada pelo príncipe hindu Sidarta Gautama, o Buda (560 a 480 a.C.). Ensinamentos: tudo é impermanente; a realidade é mutável; não existe nada em nós de realidade metafísica, nada de indestrutível. O ser está submetido ao ciclo de nascimentos e mortes, enquanto a consequência da ação (*karma*) não for interrompida. A existência está sujeita ao infortúnio, que se manifesta pelo sofrimento, doença e morte. Tem por ideal a renúncia. É na Ásia que concentra a maioria dos seus adeptos (cerca de 360 milhões).

– Xintoísmo:

Religião do Japão, na qual os deuses são a personificação das forças naturais e os Espíritos dos antepassados são igualmente considerados como deuses. A partir do séc. VI os budistas anexaram as divindades xintoístas ao seu panteão e pouco a pouco se formou um sincretismo. No séc. XVII novas seitas xintoístas recusaram qualquer compromisso com religiões estrangeiras. No séc. XIX tornou-se uma espécie de religião do Estado (adoração do imperador-deus). Adeptos: 2,7 milhões.

– Cristianismo:

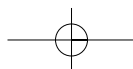
Conjunto das religiões organi-

zadas com base na pessoa de Jesus-Cristo e nos escritos que relatam suas palavras e seus pensamentos. O Cristianismo, nascido na Judéia e difundido inicialmente no Oriente, foi pregado no mundo mediterrâneo pelos Apóstolos, depois da morte de Jesus. O Cristianismo, em sua origem uma seita surgida do Judaísmo, afirma-se como religião revelada, isto é, de origem divina, mas com a particularidade (Igreja Católica Romana), de que Jesus, seu fundador, não era um simples intermediário entre Deus e a Humanidade, mas também, Deus. São quase 2 bilhões de cristãos no Planeta. Mas vejam só: desse total, 1,888 bilhão estão filiados às cerca de 300 tradições eclesíásticas cristãs, que deram origem a 33.820 denominações de igrejas. Impossível nominá-las...

– Islamismo:

Religião e civilização dos muçulmanos, fundada por Maomé, tendo surgido no séc. VII, na península arábica, é a última das religiões monoteístas. Maomé recebeu de Deus a revelação corânica [O Corão ou Alcorão e o *hadith* (tradição do Profeta) formam a tradição, verdadeira constituição que serve de modelo imperativo para os muçulmanos]. Não existe um clero muçulmano. Dogma principal do Islã: a existência de Deus (Alá), ser supremo, único, infinitamente perfeito, criador do Universo e juiz soberano dos homens. Para os muçulmanos, Maomé é o enviado de Alá. Adeptos: 1,188 bilhão.

(No próximo artigo iniciaremos o comentário sobre a chegada do Espiritismo na Terra.) ■





PÁGINAS DA REVUE SPIRITE

Fraudes espíritas

Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem à fraude os efeitos produzidos, alegando que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodigiosas, quando não lhes conhecemos os segredos, daí concluindo que os médiuns não passam de escamoteadores. Já refutamos esse argumento ou, antes, essa opinião, notadamente em nossos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858. Sobre isso não diremos senão algumas palavras, antes de tratar de assunto mais sério.

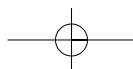
Pelo fato de haver charlatões que vendem drogas nas praças públicas; pelo fato de que também há médicos que, embora não indo à praça pública, abusam da confiança, não se segue que todos os médicos sejam charlatões, nem que a classe médica seja atingida em sua reputação. Pelo fato de haver pessoas que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os negociantes de vinho são falsificadores e que não haja vinho puro? Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude também tem o seu gênio. Mas a fraude tem sempre um fim, um interesse material qualquer: onde na-

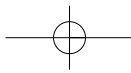
da se pode ganhar, nenhum interesse existe em enganar. Também já dissemos, em nosso número anterior, a propósito dos médiuns interesseiros, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

Essa garantia – dir-se-á – não é única, porque em matéria de prestidigitação há amadores muito hábeis, que visam apenas a distrair a sociedade e disso não fazem uma profissão. Não poderia o mesmo ocorrer com os médiuns? Sem dúvida que por alguns momentos podemos nos divertir, divertindo os outros; porém, para nisso passar horas inteiras, durante semanas, meses e anos, fora necessário que se estivesse verdadeiramente possuído do demônio da mistificação, e o primeiro mistificado seria o mistificador. Não repetiremos aqui tudo que já foi dito sobre a boa-fé dos médiuns e dos assistentes, quanto a serem joguetes de uma ilusão ou de uma fascinação. A isso já respondemos inúmeras vezes, bem como a todas as outras objeções, pelo que remetemos o leitor à nossa *Instrução Prática sobre as Manifestações*, e aos nossos artigos anteriores da *Revista*. Nosso objetivo aqui não é convencer os incrédulos. Se não se convencem pelos fatos, não se deixarão convencer pelo raciocínio; seria, pois, perder nosso tempo. Dirigimo-nos, ao contrário, aos adeptos, a fim de os prevenir contra os subterfúgios de que poderiam ser

vítimas da parte de pessoas interessadas, por um motivo qualquer, em simular certos fenômenos; dizemos certos fenômenos porque alguns há que evidentemente desafiam toda habilidade de prestidigitação, tais como o movimento de objetos sem contato, a suspensão de corpos pesados no espaço, os golpes desferidos em diferentes posições, as aparições, etc. E, ainda, para alguns desses fenômenos, até certo ponto seria possível a simulação, tal o progresso realizado pela arte da imitação.

O que é necessário fazer em semelhantes casos é observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, levar em conta o caráter e a posição das pessoas, a finalidade e o interesse que poderiam ter em enganar: eis aí o melhor de todos os controles, porquanto há circunstâncias que afastam qualquer motivo de suspeita. Desse modo, estabeleceremos como princípio que é preciso desconfiar de todos quantos fizessem desses fenômenos um espetáculo ou um objeto de curiosidade e de divertimento, ou que deles tirassem qualquer proveito, por menor que fosse, vangloriando-se de os produzir à vontade e a qualquer momento. Nunca seria demasiado repetir que as inteligências ocultas que se manifestam têm suas susceptibilidades e querem provar-nos que também possuem livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos. >





> De todos os fenômenos físicos, um dos mais comuns é o dos golpes internos, vibrados na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de qualquer objeto que possa ser utilizado. Ora, sendo esse efeito um dos mais fáceis de imitar e também um dos mais freqüentemente produzidos, julgamos de utilidade revelar uma pequena astúcia com a qual podemos ser enganados: basta colocar as mãos abertas sobre a mesa, suficientemente próximas para que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma na outra; então, por um movimento muscular absolutamente imperceptível, produz-se um atrito semelhante a um ruído seco, muito parecido com o da tiptologia interna. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada mais fácil do que fazer ouvir tantos golpes quanto se queira, uma batida de tambor, etc., responder a certas perguntas pelo sim e pelo não, pelos números e até mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenidos, o meio de reconhecer a fraude é bem simples. Não será mais possível se as mãos ficarem afastadas uma da outra e se estivermos seguros de que nenhum outro contato possa produzir o ruído. Aliás, os golpes autênticos oferecem esta característica: mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não ocorre quando se devem à causa que assinalamos ou a outra análoga qualquer; que eles deixam a mesa para se fazerem ouvir em outra peça de mobiliário que ninguém toca; que, enfim, respondem a perguntas não previstas pelos assistentes.

Chamamos, pois, a atenção das

pessoas de boa-fé para esse pequeno estratagema, bem como para outros que possam reconhecer, a fim de os denunciar sem cerimônia. A possibilidade de fraude e de imitação não impede a realidade dos fatos, não podendo o Espiritismo senão ganhar em desmascarar os impostores. Se alguém nos disser: Vi tal fenômeno, mas havia fraude, responderemos que é possível; nós mesmos vimos pretensos sonâmbulos simularem o sonambulismo com muita habilidade, o que não impede que o sonambulismo seja um fato. Todo mundo já viu negociantes venderem algodão por seda, o que também não impede que haja verdadeiros tecidos de seda. É preciso examinar todas as circunstâncias e verificar se a dúvida tem fundamento. Nisso, porém, como em todas as coisas, é preciso ser perito. Ora, nós não poderíamos reconhecer como juiz de uma questão alguém que dela nada conhecesse.

O mesmo diremos dos médiuns escreventes. Pensa-se comumente que aqueles que são mecânicos oferecem mais garantias, não apenas pela independência das idéias, como também contra o embuste. Pois bem! Isso é um erro! A fraude insinua-se por toda parte e sabemos com que habilidade é possível dirigir à vontade uma cesta ou uma prancheta que escreve, dando-lhes toda a aparência de movimentos espontâneos. O que levanta todas as dúvidas são os pensamentos expressos, venham de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que escapam de tal forma das idéias, conhecimentos e, até mesmo, do alcance intelectual do médium, que seria necessário que nos

enganássemos estranhamente para lhes dar crédito. Reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e fecundos recursos, conquanto ainda não lhe reconheçamos o dom de dar saber a um ignorante, ou talento a quem não o tenha.

Allan Kardec

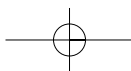
Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – abril de 1859. (Tradução de Evandro Noleto Bezerra.) ■

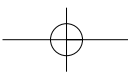
Aforismos espíritas e pensamentos avulsos

Quando evocamos um parente ou amigo, seja qual for a afeição que nos tenha conservado, não devemos esperar essas demonstrações de ternura que nos pareceriam naturais depois de uma dolorosa separação. Por ser calma, a afeição pode ser mais verdadeira que a que se traduz por grandes demonstrações exteriores. Os Espíritos pensam, mas não agem como os homens: dois Espíritos amigos se vêem, amam-se, sentem-se felizes por se aproximarem, mas não têm necessidade de se lançarem aos braços um do outro. Quando se comunicam conosco pela escrita, uma boa palavra lhes basta e lhes diz muito mais do que palavras enfáticas.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – setembro de 1859. (Tradução de Evandro Noleto Bezerra.) ■





II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE

– III –

José Carlos da Silva Silveira

Em continuação aos artigos publicados nos meses de abril e maio deste ano, a respeito do II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE, queremos aqui enfocar, em linhas gerais, os demais tópicos da proposta de programa elaborada pela FEB para esse evento: o conteúdo programático, o desenvolvimento metodológico, os recursos e materiais instrucionais, e a avaliação do Encontro. Essa proposta está sendo discutida no âmbito das reuniões das Comissões Regionais do ano corrente.

O conteúdo programático inicia-se com uma abordagem acerca do objetivo do ESDE. Como vimos nos artigos anteriores, a compreensão desse objetivo é a garantia não só da unidade como também dos bons resultados do trabalho. Por isso, esse assunto seria o primeiro a ser estudado.

Em seguida, está prevista a apresentação de uma visão panorâmica da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita – dos seus primórdios aos dias atuais.

Essa Campanha, como se sabe, foi precedida por uma outra, que se intitulou *Comece pelo Começo*, lançada pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) no ano de 1975. O título escolhido pela USE é uma exortação ao estudo das obras básicas do Espiritismo. Mais tarde, em 1978, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) também lançou uma campanha, desta feita voltada, especificamente, ao estudo sistematizado da Codificação Espírita. Inspirou-se, para esse lançamento, na comunicação do Espírito Angel Aguarod, recebida, em 1977, na sede dessa Federativa. Asseverava, então, esse preclaro instrutor espiritual:

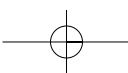
Cabe, pois, aos espíritas, responsáveis pelo Movimento Espírita, uma ampla tarefa de divulgação das obras básicas da Doutrina Espírita, promovendo um estudo sistemático das mesmas (...).

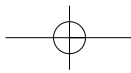
Finalmente, em novembro de 1983, foi lançada, pela Federação Espírita Brasileira, em reunião do seu Conselho Federativo Nacional, a Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. Na ocasião, o Espírito Bezerra de Menezes, através de Divaldo Pereira Franco, assim se expressou:

Um programa de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, sem nenhum demérito para todas as nobres tentativas que têm sido feitas ao longo dos anos (...), é o programa da atualidade sob a inspiração do Cristo.

Podemos dizer-se que, apesar dos percalços que todo empreendimento humano costuma enfrentar, a Campanha do ESDE vem, ao longo do tempo, servindo de instrumento para a implantação do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita em todo o Brasil. Dentre os resultados por ela já atingidos, alinham-se os seguintes: ampliação do número de pessoas a estudar sistematicamente a Doutrina Espírita; criação de novos grupos espíritas para atender ao crescente afluxo do público; realização das tarefas espíritas de forma coerente com os princípios doutrinários, sem ritual, dogmas, paramentos, idolatria, simbologia ou fórmula exterior.

A programação contempla ainda a análise de problemas e levantamento de soluções alternativas para o bom funcionamento do ESDE, envolvendo as seguintes questões: rotatividade de Coordenadores nas Federativas Estaduais; obstáculos à ação federativa; organização e fun-





cionamento; distanciamento do objetivo do ESDE; utilização e aplicação dos programas de estudo; utilização de técnicas e recursos didáticos; evasão de participantes. Vários problemas estão intimamente ligados à capacitação do Coordenador ou Monitor do ESDE, que, por isso mesmo, deve investir na melhoria do seu conhecimento doutrinário e das suas condições técnicas e psicológicas para o exercício adequado da tarefa. Em sendo assim, seriam também discutidos alguns pontos relacionados com a preparação de cursos para a capacitação em referência, tais como: caracterização da população-alvo; definição de conteúdos para os cursos, considerando as características do público-alvo; modalidades de atendimento (preparação, atualização); critérios para seleção de expositores e de bibliografia.

Outro assunto – de grande relevância, por ser essencial à correção de rumos e aperfeiçoamento do trabalho – é a avaliação, desdobrando-se pelos seguintes pontos: avaliação como instrumento para tomada de decisões; avaliação de objetivos, metas e estratégias; avaliação de resultados; sugestões de instrumentos de avaliação.

Tratamento especial seria oferecido, de igual modo, à dinamização da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, com a definição de metas e a previsão de ações para a sua implementação. Além disso, reservar-se-ia espaço às Federativas Estaduais para o relato de suas experiências significativas na área do ESDE.

Técnicas diversas estão sendo propostas para a dinamização do Encontro – exposição dialogada, seminário, simpósio, trabalho em gru-

po, exposição de materiais, e reunião plenária –, além de variados recursos visuais (*datashow*, painéis, retroprojeter, vídeo) e textos de apoio. Tudo isso com vistas a estimular a participação em todas as etapas do trabalho, favorecendo a troca de experiências e a construção coletiva de metas.

Ao final, está prevista uma avaliação do Evento por meio de questionário e registro etnográfico. Propõe-se, além disso, uma avaliação mediata, que se constituirá no acompanhamento da execução das

metas estabelecidas, em conjunto, pelos participantes, para a dinamização da Campanha do ESDE.

Como se vê – não só pelo acima exposto como também pelos artigos anteriores, supracitados –, o programa que se pretende desenvolver neste II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE é bastante rico, tanto em sua feição teórica quanto prática, o que, sem dúvida, propiciará amplas condições de reflexão sobre a importância do ESDE e o seu papel no processo de Unificação do Movimento Espírita. ■

Se vires tu alguém...

Hernani T. Sant'Anna

Se vires tu alguém, cambaleante e em prantos,
Aos látegos ferais de atrozes desencantos,

Fugindo, atormentado, à própria sombra triste,
E à dor que não se amaina e insânica persiste...

Se o vires, com o olhar descrente e doloroso,
Contemplando, sem ver, o mundo impiedoso...

Oh, diz-me: que farás? Caminharás à frente,
Deixando esse infeliz ao tédio absorvente?

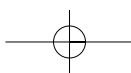
Terás o coração tão pétreo, tão disforme,
Que nem te abalará essa desgraça enorme?

Ah, não! Deter-te-ás, por certo, em tua estrada;
Farás um estacato amigo na jornada.

Talvez não falarás. Mas um sorriso calmo,
Partindo de teus lábios, generoso e almo,

Do mísero fantasma à noite ensombrecida
Um raio levará de espranças e de vida!...

Fonte: *Canções do Alvorecer*. 3. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 42.



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

O Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, em reunião realizada em 22 de março de 2003, elegeu, por unanimidade, membros da Diretoria Executiva cujo mandato terminara.

Os órgãos da administração estão assim constituídos:

CONSELHO DIRETOR

Presidente
Vice-Presidentes

- Nestor João Masotti
- Altivo Ferreira
- Cecília Rocha
- Ilcio Bianchi
- Sady Guilherme Schmidt

DIRETORIA EXECUTIVA

Secretário-Geral
1º Secretário
2º Secretário
1º Tesoureiro
2º Tesoureiro
Diretor do Setor Gráfico
Diretora do Depto. de Assistência Social
Diretora do Depto. de Infância e Juventude
Diretor do Depto. de Esperanto
Diretora do Depto. de Estudo do Espiritismo
Diretores

- Alberto Nogueira da Gama
- Arthur do Nascimento
- Evandro Noletto Bezerra
- José Carlos Martins Lopes
- Edna Maria Fabro
- José Salomão Mizrahy
- Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
- Rute Vieira Ribeiro
- Affonso Borges Gallego Soares
- Marta Antunes de Oliveira Moura
- Amaury Alves da Silva,
Geraldo Campetti Sobrinho,
José Carlos da Silva Silveira,
Lauro de Oliveira São Thiago e
Tânia de Souza Lopes

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Cesar Augusto Lourenço Filho, Danilo de Castro Silva e Sérgio Thiesen

Suplentes

Alamir Gomes de Abreu, Eliphaz Levi Garcez Maia e Ennio de Oliveira Tavares

ASSESSORES DA PRESIDÊNCIA

O Presidente indicou e o Conselho Diretor aprovou os nomes dos confrades Jorge Godinho Barreto Nery, José Yosan dos Santos Fonseca e Zéus Wantuil para Assessores da Presidência

A Direção de *Reformador* ficou assim constituída:

Diretor
Diretor-Substituto e Editor
Redatores

- Nestor João Masotti
- Altivo Ferreira
- Antonio Cesar Perri de Carvalho,
Evandro Noletto Bezerra e
Lauro de Oliveira São Thiago
- Iaponan Albuquerque da Silva
- Amaury Alves da Silva

Secretário
Gerência

SEARA ESPÍRITA

Bahia: A FEEB na Comunidade

A Federação Espírita do Estado da Bahia, além do dinamismo com que coordena o Movimento Espírita do Estado, participa de vários organismos, tais como: o Fórum Comunitário Contra a Violência, que reúne mais de 50 instituições lideradas pela Universidade Federal da Bahia e Projeto UNI; o Conselho Estadual de Ensino Religioso; a Conferência Municipal da Saúde; e o Conselho Estadual da Criança e do Adolescente.

Ceará: Jornada Espírita

O Centro de Documentação Espírita do Ceará (CDEC) programou para junho corrente, nos dias 26 a 29, com o apoio da Federação Espírita do Estado do Ceará, sua *1ª Jornada*, intitulada *Tributo a Chico Xavier*, sendo expositor Eduardo Guimarães (RJ), que também fará, no dia 29, o seminário *Em Busca de um Sentido para a Vida*, nas instalações do Colégio Militar de Fortaleza.

CEI: Reuniões das Coordenadorias

O Conselho Espírita Internacional, integrado por 24 países, apresenta intensa atividade, através das suas Coordenadorias da Europa e das Américas. A Coordenadoria Européia, constituída por 10 países, reuniu-se em Estocolmo (Suécia), nos dias 9, 10 e 11 de maio; a Coordenadoria da América do Norte, com 2 países, reuniu-se em Miami (EUA), nos dias 29, 30 e 31 de maio e 1º de junho; a Coordenadoria da América do Sul, com 8 países, reúne-se nos dias 13, 14 e 15 de junho, em Buenos Aires, coincidindo com o aniversário da Confederação Espiritista Argentina.

Acre: Três grandes Campanhas

Em seu programa de trabalho para 2003, a Federação Espírita do Estado do Acre tem agendadas três grandes Campanhas: a Campanha contra o Aborto, a Campanha Antidrogas e a Campanha de Prevenção Contra o Suicídio. O objetivo é levar à sociedade a palavra de alerta e esclarecimento sobre essas patologias sociais, com base na Doutrina Espírita.

Casas Espíritas centenárias

O Centro Espírita Fé e Caridade, entidade pioneira do movimento espírita em São Manoel (SP), comemorou em 13 de dezembro de 2002 o centenário do grupo espírita que hoje tem seu nome.

O Centro Espírita União e Caridade, de Taubaté (SP), fundado em 1º de janeiro de 1903, programou diversas atividades para comemorar o seu centenário em janeiro deste ano.

O Evangelho segundo o Espiritismo em alemão

Traduzido para o alemão, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, foi lançado oficialmente em Winterthur, na Suíça, em 15 de dezembro de 2002. Em 19 de dezembro, ocorreu seu lançamento na Alemanha, em Munique, na sede do Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec, com uma repercussão muito positiva nos países de língua alemã. (*RIE*, 3/3.)

Paraguai: Congresso Espírita

Será realizado em Assunção, no Salão de Convenções do Hotel Excelsior, de 11 a 13 de setembro deste ano, o 1º Congresso Espírita Paraguaio, que abordará a Doutrina sob o triplice aspecto de Ciência, Filosofia e Religião. A promoção é do Movimento Espírita Paraguaio.

Itália: Novo grupo espírita

Iniciou atividades recentes o Núcleo Espírita Allan Kardec (Via Parpagliona, 45 – Sesto San Giovanni – Milão, 20099 – Itália) com duas atividades: a) Curso de introdução ao estudo da Doutrina Espírita, com utilização de *O Livro dos Espíritos*, e estudo da mediunidade, sempre às segundas-feiras; b) Auxílio evangélico-espiritual através da prece e do passe, às quartas-feiras. Os contatos podem ser feitos pelo telefone 33 35 99 51 92 ou e-mail neakmilano@yahoo.it

França: Obras espíritas em francês

A *Union Spirite Française et Francophone* está disponibilizando na internet uma relação de obras espíritas editadas em francês. Entre elas estão as de Allan Kardec e Léon Denis. Os interessados devem acessar a página <http://perso.wanadoo.fr/union.spirite>.